

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

MARIANA GULO PEREIRA

**O CLUBE DA FÉ: ANÁLISE DE DISCURSO DO DOCUMENTÁRIO SOBRE A
HISTÓRIA DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE “ONDE A MOEDA CAI EM PÉ”**

UBERLÂNDIA

2026

MARIANA GULO PEREIRA

**O CLUBE DA FÉ: ANÁLISE DE DISCURSO DO DOCUMENTÁRIO SOBRE A
HISTÓRIA DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE “ONDE A MOEDA CAI EM PÉ”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patricia Aparecida
Amaral

UBERLÂNDIA

2026

MARIANA GULO PEREIRA

**O CLUBE DA FÉ: ANÁLISE DE DISCURSO DO DOCUMENTÁRIO SOBRE A
HISTÓRIA DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE “ONDE A MOEDA CAI EM PÉ”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Educação da Universidade
Federal de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Uberlândia, 12 de março de 2026

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Patricia Aparecida Amaral
(Orientadora – UFU)

Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly
(Examinador – USP)

Prof.^a Dra. Graziela Guadagnin
(Examinadora – UFU)

Dedico este trabalho ao São Paulo Futebol Clube, que em meio a dificuldades teve coragem para recomeçar e se reinventar. Um clube que carrega consigo a fé.

AGRADECIMENTOS

Só teria uma maneira plausível de começar este agradecimento, para a pessoa que mais carrega a responsabilidade de me ter feito cursar Jornalismo e amar o São Paulo Futebol Clube: meu pai, Carlos Roberto Pereira. Graças a ele, minhas quartas-feiras e domingos nunca mais foram os mesmos. Meu pai me ensinou a amar o São Paulo desde cedo e a reservar o horário sagrado para o futebol. Dedico este trabalho a você, pai, que sempre lutou pelos seus três filhos e nunca mediu esforços, ou fronteiras, para nos ver felizes. Com certeza as lembranças mais alegres da minha adolescência vêm das nossas conversas no sofá da sala assistindo ao São Paulo.

Claro que também não poderia esquecer da minha mãe, Aparecida Izabel Gulo Pereira, que sempre me apoiou na escolha do curso, na mudança dela e em todos os caminhos que eu sonhei e escolhi seguir. Obrigada por me tornar quem eu sou hoje em dia. Ao meu irmão Rafael, obrigada pela parceria de sempre, amo dividir a vida com você desde 2002.

Agradeço também aos meus amigos, que caminharam junto comigo nesse processo. Ana Carolina Pitta e Marília Lopes, que vivem comigo desde o cursinho; Fernanda Puglieri, Gabrielli Pereira, Ester Moraes e Victor Bringel que viveram a reta final e tornaram tudo mais leve; Bruno Stocco, Felipe Regal, Felipe Domingos, Miguel Santiago, Carolina Lemos, Wender Freitas e Ana Júlia Camfella, que viveram esses 4 anos comigo e tornaram todo o processo mais leve. Às minhas ex-companheiras de curso, o acolhimento de vocês também foi fundamental em todo o meu processo de formação. E a todos que tive o privilégio de esbarrar pela Universidade, um muito obrigada.

Agradeço também à professora Marrielle, que, em meu primeiro dia de aula em Relações Internacionais, perguntou a cada um da sala com o que eles gostariam de trabalhar e, para surpresa de ninguém, somente eu não sabia o que queria fazer da vida. Foi nesse dia, em 2023, que caiu a minha ficha sobre o que eu gostaria de fazer para o resto da minha vida: Jornalismo.

Agradeço, em especial, à professora Christiane Pitanga, ao Oscari Bruno, ao Pedro Bueno e a todos os professores do curso de Jornalismo, não só pela paciência e pelos ensinamentos ao longo dos anos, mas por me acolherem e me darem a oportunidade de voltar a cursar o curso que eu sempre amei. À minha orientadora, Patricia Aparecida Amaral, que eu soube desde o começo que seria a melhor pessoa para mergulhar nesse tema comigo, obrigada por tanta paciência, conselhos e opiniões.

E, por fim, agradeço ao São Paulo Futebol Clube, que há muito tempo se tornou refúgio em situações complicadas da vida. Quando mais nova, não entendia como alguém poderia amar tanto um clube de futebol, até me ver nessa situação. Hoje, finalizando esse trabalho, vejo que o futebol vai muito além; futebol é pertencimento, história, memória, afeto e família. Amar o São Paulo me trouxe até aqui, finalizando o curso que amo e, se tudo ocorrer bem, me levará ainda mais para frente. Obrigada!

“Que hoje o São Paulo viva mais forte em nós do
que nós mesmos”

(Autor desconhecido)

RESUMO

PEREIRA, Mariana Gulo. **O clube da fé**: análise de discurso do documentário sobre a história do São Paulo Futebol Clube “onde a moeda cai em pé”. 66 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2026.

Este trabalho analisa a construção discursiva do episódio de 1943 no documentário Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube e sua relação com a produção de sentidos sobre a imagem institucional do clube. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza documental, fundamentada nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, especialmente na perspectiva de Patrick Charaudeau (2006). Buscou-se compreender de que maneira os recursos narrativos mobilizados no documentário atuam na reconfiguração simbólica desse acontecimento histórico, a partir de categorias como os efeitos de saber, de opinião e de testemunho, os procedimentos do discurso relatado (citação, integração, narrativização e evocação), a escolha lexical e os movimentos da construção argumentativa, especialmente a problematização e a elucidação dos fatos. Foram examinados os 11 primeiros minutos da obra, com foco no relato do acontecimento, na escolha lexical e na construção argumentativa do episódio da “moeda que caiu em pé”. Os resultados colaboram para o debate sobre o papel das narrativas audiovisuais na construção do imaginário esportivo e oferecem subsídios para futuras pesquisas sobre discurso e memória no esporte.

Palavras-chave: análise de discurso; jornalismo esportivo; moeda que caiu em pé; São Paulo Futebol Clube.

ABSTRACT

PEREIRA, Mariana Gulo. **The club of faith:** discourse analysis of the documentary on the history of São Paulo Futebol Clube “Onde a moeda cai em pé”. 66 p. Final Course Project (Graduation in Journalism), Faculty of Education, Federal University of Uberlândia, Uberlândia, 2026.

This study analyzes the discursive construction of the 1943 episode in the documentary *Where the Coin Lands Standing: the History of São Paulo Futebol Clube* and its relationship with the production of meanings regarding the club's institutional image. This is a qualitative, documentary-based research grounded in the theoretical assumptions of Discourse Analysis, especially from the perspective of Patrick Charaudeau (2006). The aim is to understand how the narrative resources mobilized in the documentary act in the symbolic reconfiguration of this historical event, based on categories such as the effects of knowledge, opinion, and testimony, the procedures of reported discourse (quotation, integration, narrativization, and evocation), lexical choices, and the movements of argumentative construction, particularly problematization and elucidation of facts. The first 11 minutes of the documentary were examined, focusing on the account of the event, lexical choices, and the argumentative construction of the episode of the “coin that landed standing”. The results contribute to the debate on the role of audiovisual narratives in the construction of the sports imaginary and provide support for future research on discourse and memory in sports.

Keywords: discourse analysis; sports journalism; coin that fell standing upright; São Paulo Futebol Clube.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Matéria do O Esporte sobre o campeonato paulista de 1943.....	22
Figura 2 - A moeda em pé	23
Figura 3 - Primeiro time do São Paulo Futebol Clube (minuto 3:33)	32
Figura 4 - Manoel Raymundo Paes de Almeida (minuto 5:15).....	33
Figura 5 - Arte de Thomaz Mazzoni sobre o time da fé (minuto 6:40).....	34
Figura 6 - Inauguração do Pacaembu em 1940 (minuto 6:55)	34
Figura 7 - Leônidas pelo São Paulo (minuto 8:35).....	35
Figura 8 - Estreia de Leônidas da Silva pelo São Paulo Futebol Clube (minuto 9:14).....	36
Figura 9 - Gol de bicicleta de Leônidas contra o Palestra (minuto 9:46).....	37
Figura 10 - Leônidas afirma ter sido um dos jogadores que mais executaram o lance de bicicleta (minuto 10:05).....	38
Figura 11 - A descrença dos adversários diante do São Paulo Futebol Clube (minuto 10:56)	39
Figura 12 - Jogador Remo em 1943 (minuto 11:45)	39
Figura 13 - Michael Serra explica sobre a história do clube (minuto 02:20)	47
Figura 14 - Albertina Pereira viúva de Leônidas (minuto 09:56).....	49
Figura 15 - Rogério Ceni descreve sua experiência no clube (minuto 00:53)	50
Figura 16 - Rogério Ceni diante do Morumbi (minuto 00:35).....	51
Figura 17 - Rogério Ceni fala sobre a torcida no Morumbi (minuto 00:42)	51
Figura 18 - Rogério Ceni traz seu ponto de vista ao pisar no estádio (minuto 00:57)	52
Figura 19 - Ponto de vista de jogadores do São Paulo Futebol Clube (minuto 00:46)	53
Figura 20 - Canto da torcida (minuto 01:04).....	53
Figura 21 - A fundação do São Paulo Futebol Clube (minuto 02:25).....	54
Figura 22 - As figuras presentes na fundação do Clube (minuto 03:12).....	54
Figura 23 - Orlando Duarte conta sobre o nome do Clube (minuto 04:03)	55
Figura 24 - Os responsáveis pela reinauguração do São Paulo Futebol Clube (minuto 05:13)	56
Figura 25 - O surgimento do Clube da fé (minuto 06:02).....	57
Figura 26 - Planet explica sobre a incredulidade dos adversários durante o campeonato (minuto 10:48).....	57
Figura 27 - Michael Serra explica a história do mito da moeda (minuto 11:04).....	58
Figura 28 - Arte quando a moeda caiu em pé (minuto 11:15).....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEA	Associação Paulista de Esportes Atléticos
AOL	America Online
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
ESPN	Entertainment and Sports Programming Network
iG	Internet Group do Brasil
LAF	Liga dos Amadores de Football
LPF	Liga Paulista de Futebol
PSN	Panamerican Sports Networks
SP	São Paulo
SPAC	São Paulo Athletic Club
SPFC	São Paulo Futebol Clube
TVA	Televisão Abril
UOL	Universo Online

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O FUTEBOL NO BRASIL	15
2.1 O futebol paulista	16
2.2 A história da fundação do São Paulo Futebol Clube.....	19
2.3 Jornalismo esportivo	23
3 O DOCUMENTÁRIO NO CONTEXTO DO JORNALISMO ESPORTIVO	29
3.1 Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube	30
4 ANÁLISE DE DISCURSO NO DOCUMENTÁRIO ONDE A MOEDA CAI EM PÉ	43
4.1 A construção discursiva do episódio de 1943 no documentário	46
4.2 A escolha lexical na construção da narrativa de 1943.....	50
4.3 A construção argumentativa do episódio da “moeda que caiu em pé”	60
5 A MOEDA SEGUE EM PÉ: CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o livro *Onde a moeda cai em pé* volume I: 1930-1943 (Serra, 2021) o São Paulo Futebol Clube foi fundado em 25 de janeiro de 1930 e refundado em 16 de dezembro de 1935, após desavenças políticas que levaram ao encerramento temporário de suas atividades. Entre 1937 e 1940, o clube enfrentou grandes dificuldades, sendo reerguido por um grupo de novos sócios que, em homenagem à resistência dos que não deixaram o time morrer, passaram a considerar 1935 como o ano oficial de fundação.

Nos primeiros anos após o processo de reorganização, o São Paulo buscava retornar seu protagonismo no futebol paulista e através de contratações começou a construir um time mais forte (Serra, 2021). Foi então que o Campeonato Paulista de 1943 foi decisivo para essa retomada. De acordo com *A Gazeta Esportiva* (1943 *apud* Serra, 2021), durante uma reunião do conselho arbitral responsável por definir o regulamento da competição, dirigentes dos clubes discutiam regras e detalhes do campeonato. Foi então que, um dos presentes teria ironizado que bastaria lançar uma moeda ao ar para decidir o campeão. Se desse cara, o campeão seria o Corinthians; se desse coroa, seria o Palmeiras. Foi então que diante disso, ainda segundo o jornal, outro participante teria questionado “E o São Paulo?”, ao que ouviu como resposta: “Só se a moeda cair de pé!”. Então, diante de dúvidas e até zombarias de rivais, sem nenhum favoritismo, no dia 3 de outubro de 1943 às 15:45, o São Paulo Futebol Clube se consagrou campeão do Campeonato Paulista, diante de 50.143 torcedores para o Choque-Rei no Pacaembu (Serra, 2021).

Esse episódio, que marca a história do clube até hoje, foi tratado no documentário *Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube*, com duração de uma hora, 40 minutos e 33 segundos, dirigido por Alexandre Boechat, André Plihal e Pedro Jorge, lançado em 2018 (Boechat; Plihal; Jorge, 2018). A obra reconstrói a trajetória do clube desde a fundação, a partir de depoimentos de ex-jogadores, jornalistas, historiadores e torcedores, usando imagens de arquivo, narração e trilha sonora para produzir uma narrativa que combina memória e esportiva.

Este trabalho parte de um episódio histórico que sempre despertou a curiosidade da pesquisadora como torcedora, estudante de jornalismo e consumidora de conteúdos esportivos: o dia em que a moeda caiu em pé, durante o Campeonato Paulista de 1943. A história, que marcou o São Paulo Futebol Clube, se tornou uma virada de chave na história do time, colocando o São Paulo de volta ao protagonismo do futebol.

No campo social e cultural, o trabalho é relevante porque resgata um momento pouco explorado da história do futebol paulista. Conforme apontam Atique, Sousa e Gessi (2016) em uma análise sobre a prática do futebol na cidade, publicada pela USP, o futebol deixou de ser apenas uma prática recreativa para se tornar um fenômeno cultural ligado à formação de espaços sociais e à construção de identidades urbanas. A construção dessa memória não apenas valoriza a trajetória do São Paulo Futebol Clube, mas também contribui para preservar episódios que ajudam a explicar o futebol como fenômeno cultural.

Já no campo acadêmico, a justificativa está na proposta de analisar, por meio da análise de discurso, os sentidos produzidos pelo documentário, a partir dos enunciados, dos depoimentos e da forma como as narrativas são construídas ao longo da obra. Diante disso, o objetivo central deste trabalho é analisar como o documentário *Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube* conta o episódio da moeda em pé e o Campeonato Paulista de 1943, utilizando da análise de discurso, principalmente na linha francesa com autores como Patrick Charaudeau. A proposta metodológica deste trabalho pode ser definida como pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, com procedimento documental.

Este trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro, a introdução apresenta o contexto histórico do São Paulo Futebol Clube, o episódio da moeda em pé em 1943, a escolha do documentário como objeto de estudo, bem como a relevância social, cultural e acadêmica da pesquisa, além dos objetivos e da abordagem metodológica adotada.

O segundo capítulo, *O futebol no Brasil*, contextualiza a chegada e a consolidação do futebol no país, com foco no futebol paulista, abordando a formação dos primeiros clubes, a criação do Campeonato Paulista e o que contribuiu para a popularização do futebol como fenômeno cultural e social no Brasil.

O terceiro capítulo discute o documentário enquanto linguagem e forma de representação da realidade, a partir das contribuições teóricas de autores como Bill Nichols (2010), e apresenta o documentário *Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube*, descrevendo sua estrutura narrativa, seus personagens, seus recursos de construção da memória e sua abordagem da trajetória histórica do clube.

O capítulo quatro é dedicado à análise de discurso do minuto 0 ao minuto 11:37, que aborda, seguindo uma narrativa linear, desde a fundação do clube até o episódio do Campeonato Paulista de 1943, e conforme citado acima com base principalmente nos referenciais teóricos de Patrick Charaudeau e Eni Orlandi. Nele, são analisados os modos de construção do acontecimento, os efeitos de sentido produzidos pelos enunciados, o uso recorrente de determinadas palavras e expressões e a organização argumentativa do episódio da moeda em

pé, compreendido como elemento simbólico na construção da identidade do São Paulo Futebol Clube.

Por fim, o último capítulo apresenta as considerações finais, retomando os principais resultados da análise, refletindo sobre como o documentário constrói discursivamente a memória do episódio de 1943 e sobre os sentidos produzidos em torno da representação do clube, além de apontar possíveis contribuições do estudo para o campo do jornalismo esportivo e para pesquisas futuras sobre memória e discurso no audiovisual.

2 O FUTEBOL NO BRASIL

De acordo com Magalhães (2010), a primeira partida de futebol no Brasil ocorreu no ano de 1895 em São Paulo, quando o Brasil vivia a recém proclamada República e buscava aplicar ao país os modelos da Europa. Ainda segundo a autora, o responsável por introduzir o futebol no Brasil foi Charles Miller, conhecido como o pai do futebol brasileiro e filho de um industrial inglês influente. Durante o tempo em que estudou na Inglaterra, Miller teve contato direto com o esporte e, ao retornar ao Brasil, trouxe consigo bolas, uniformes e o conhecimento das regras do jogo. Foi então que, pelo alto custo dos materiais importados, o futebol começou a se tornar conhecido dentro da elite.

Gradativamente, o esporte expandiu-se para outras regiões, alcançando também o Rio de Janeiro, então capital federal. Conforme aponta Magalhães (2010), o futebol foi introduzido por Oscar Cox, principal fundador e primeiro presidente do Fluminense, que, assim como Miller, trouxe o futebol consigo ao voltar da Europa. Mas, somente a introdução do jogo não foi suficiente para garantir o crescimento do esporte no território nacional. Ainda segundo a autora, Cox entendeu que a formação de clubes seria essencial para o desenvolvimento do futebol. Foi então que surgiu, em 1902, o Fluminense Football Club, o primeiro clube do Rio de Janeiro fundado especificamente para a prática do esporte. Destaca-se também o Club Athletico Paulistano, equipe de São Paulo que, na década de 1930, deu origem ao atual São Paulo Futebol Clube. A criação desses clubes foi importante para a consolidação do futebol no país e, conseqüentemente, o surgimento das primeiras competições organizadas, tema que será abordado no próximo tópico, ao falar do Campeonato Paulista.

Segundo Streapco (2010), o futebol, que era visto com desinteresse pela classe mais alta, passou a ser entendido como um fenômeno de grande alcance social e cultural, se tornando um espaço privilegiado para a discussão de temas relacionados à identidade, ao pertencimento e à modernidade. Nas décadas seguintes, de acordo com o autor, o futebol paulista não ficou somente como prática da elite ou apenas aos clubes de fora do país. Pelo contrário: o surgimento de trabalhadores, imigrantes, moradores da periferia urbana, entre outros, tornou-se um fator de expansão. Streapco (2010, p. 3) argumenta que, no contexto de São Paulo, a apropriação do futebol por esses grupos foi marcada por “a intervenção do poder público, a construção de campos e estádios, o surgimento dos três principais clubes de futebol da cidade, as disputas pelo controle das rendas geradas pelo espetáculo e sua profissionalização”. Assim, o estádio deixou de ser apenas um espaço das classes mais altas e passou a integrar a cidade, acompanhando os novos fluxos de transporte, comunicação e público de massa.

2.1 O futebol paulista

A fundação da Liga Paulista de Futebol (LPF) em dezembro de 1901, abriu caminho para a primeira edição oficial do Campeonato Paulista de Futebol do ano seguinte, sendo o modelo pioneiro de competição organizada no Brasil (Streapco, 2010). De acordo com Storti e Fontenelle (1997), o Campeonato Paulista é o mais antigo da história do Brasil e influenciou a organização e formação do esporte em nível nacional. Pela ótica de Streapco (2010), a criação da Liga Paulista de Futebol não foi apenas por motivos de exclusão social, fatores econômicos e o interesse em obter lucros também influenciaram os fundadores da LPF. Ainda segundo o autor, a efetiva organização do primeiro Campeonato Paulista, disputado em 1902, foi concluída apenas no fim de janeiro daquele ano, quando os clubes convidados apresentaram sugestões de alteração aos estatutos montados nas reuniões de dezembro de 1901.

Na fundação da Liga Paulista de Futebol participaram representantes de cinco clubes: Internacional, São Paulo Athletic Club (SPAC), Germânia, Mackenzie e Clube Atlético Paulistano (Streapco, 2010). A fundação, marcada pela organização e pela possibilidade de lucro com a venda de ingressos, refletia também o poder econômico dos sócios desses clubes. Esse grupo passou a ser identificado como responsável pelo chamado futebol oficial. Na mesma reunião de criação da liga, também foi discutida a regulamentação do primeiro Campeonato Paulista de Futebol (Mazzoni, 2024).

Ainda segundo Mazzoni (2024), o campeonato de 1902 foi considerado um sucesso, terminando em empate entre o São Paulo Athletic Club e o Club Athletico Paulistano. Charles Miller foi o artilheiro da competição e se consolidou como a principal figura do futebol paulista. O desempate do campeonato foi realizado no dia 26 de outubro e teve como campeão o SP Athletic. Já a segunda edição do campeonato paulista foi realizada no ano de 1903, sendo uma competição de pontos corridos, onde o São Paulo (SP) Athletic saiu bicampeão. E foi no ano seguinte que o terceiro Campeonato Paulista foi disputado, só que agora com uma nova equipe: a Associação Atlética das Palmeiras. A equipe vencedora foi, novamente, o SP Athletic.

Nesses primeiros anos, o futebol paulista foi se estruturando, com o surgimento dos primeiros clubes e o fortalecimento das bases da organização esportiva. Em 1905, Paulistano e Germânia já surgiam como forças importantes. Nos anos seguintes, o SP Athletic perdeu espaço, o Germânia cresceu e o Paulistano inovou ao contratar o primeiro treinador profissional do país. Também surgiram novas equipes, como o Americano e o Internacional de Santos (Mazzoni, 2024).

A partir de 1910, novos clubes começaram a moldar o cenário paulista, e foi nesse contexto que foi criado o Sport Club Corinthians, no Bom Retiro. O clube começou de forma simples, como tantos outros, mas, de acordo com Mazzoni (2024), ele rapidamente chamou atenção e ganhou destaque.

Conforme relata Mazzoni (2024), esse período também foi marcado por conflitos administrativos. A Associação Atlética das Palmeiras rompeu com a Liga Paulista, e, em 1913, Paulistano, Palmeiras e Mackenzie fundaram a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA), provocando a primeira grande divisão do futebol paulista e criando dois campeonatos paralelos. Nesse mesmo período também foi fundado o Santos Futebol Clube, em 1912, que rapidamente se prepararia para integrar o cenário estadual.

O conflito entre Liga e APEA piorou ainda mais em 1914, ano em que o Palestra Italia foi criado pela colônia italiana e logo se tornou um dos protagonistas do futebol paulista. As disputas entre a Liga e a APEA deixaram de ser apenas esportivas e passaram a envolver questões de prestígio, viagens internacionais e alianças com federações de outros estados. A paz só foi alcançada em 1917, quando a junção das duas reuniu pela primeira vez Paulistano, Corinthians e Palestra Italia no mesmo campeonato, surgindo o chamado Trio de Ferro. Esse acordo elevou o nível técnico das competições e fortaleceu o futebol paulista, que começou a atrair maior público, aumentar receitas e consolidar vínculos com o cenário nacional e internacional (Mazzoni, 2024).

A década de 1920 trouxe alternância na liderança entre Paulistano, Corinthians e Palestra Italia, época marcada por impasses internos, protestos e abandonos. O momento mais difícil ocorreu em 1925, quando Paulistano, A. A. das Palmeiras e Germânia romperam com a APEA e criaram a Liga dos Amadores de Football (LAF). O estado de São Paulo passou a ter novamente dois campeonatos paralelos, e a briga só terminou em 1927, quando a Confederação Brasileira de Desportos reconheceu a APEA como entidade oficial (Mazzoni, 2024).

Segundo Mazzoni (2024), em 1928, a APEA reorganizou o Campeonato Paulista, diminuindo o número de participantes e colocando os clubes menores nas divisões inferiores. A competição passou a reunir apenas Corinthians, Palestra Italia, Santos, Guarani, Portuguesa, Ypiranga, Sírio e Comercial de Ribeirão Preto. O título ficou com o Corinthians. Ao mesmo tempo, na LAF, o campeonato terminou empatado entre Paulistano e Internacional, com o Internacional vencendo o desempate por 2 a 0. Ainda dividido em dois campeonatos, LAF e APEA, o ano de 1929 teve Paulistano campeão pela LAF e o Sport Club Corinthians pela APEA.

Conforme conta Mazzoni (2024), o acordo só ocorreu no final da década de 1930, marcando o fim de um ciclo de rivalidades institucionais, o que abriu caminho para uma nova fase do futebol paulista. Nesse processo houve a saída do Paulistano do futebol que decidiu abandonar o esporte profissional. Defensor histórico do amadorismo, o clube considerou inviável seguir diante do avanço do profissionalismo. A decisão mobilizou sócios, jogadores e torcedores.

Ainda de acordo com Mazzoni (2024), nesse cenário, membros do Paulistano e da Associação Atlética das Palmeiras iniciaram acordos para criar uma instituição. As negociações ocorreram ao longo de janeiro de 1930 e contaram com o apoio de figuras de destaque de ambos os clubes, motivadas pelo desejo de formar um novo time de ponta, que herdaria as conquistas, a estrutura e o prestígio acumulado pelo Paulistano e A. A. Palmeiras.

Segundo o Arquivo Histórico do São Paulo Futebol Clube (Serra, 2025), a união foi confirmada em assembleia realizada na tarde de 25 de janeiro de 1930, na Praça da República, n.º 28. A reunião durou a madrugada e, já no dia 26, foi escrita a ata de fundação do novo clube, denominado São Paulo Futebol Clube.

O nome foi escolhido por representar a cidade e o estado, e as cores definidas (vermelho, branco e preto) foram resultado da junção dos dois clubes: o vermelho do Paulistano e o preto da A. A. Palmeiras, preservados sobre o fundo branco.

Pela ótica de Serra (2021), o São Paulo Futebol Clube (SPFC) já nasceu com estrutura sólida: herdou o campo da Chácara da Floresta e juntou atletas, dirigentes e torcedores das duas equipes. Entre os fundadores, destacaram-se nomes como Edgard de Souza, Júlio de Mesquita Filho e João Oliveira de Barros. Ainda segundo o autor, o estatuto aprovado naquela noite estabeleceu o SPFC como uma associação voltada à prática esportiva, com organização administrativa moderna e alinhada às demandas do futebol paulista.

O historiador Michael Serra, responsável pelo Arquivo Histórico do SPFC (2021), revela que o clube surgiu já como potência esportiva, uma vez que a fusão reunia a tradição de 14 títulos paulistas conquistados pelas entidades de origem até então, além de atletas de relevância, como Arthur Friedenreich, símbolo do futebol paulista na era amadora.

De acordo com Mazzoni (2024), a estreia oficial do São Paulo Futebol Clube ocorreu em 9 de março de 1930, durante o Torneio Início da APEA, marcando a entrada do novo time no cenário do futebol. Assim, nascia uma agremiação que, desde seu primeiro dia, carregava tradição, torcida e estrutura, um clube criado para ser protagonista no futebol paulista e nacional. Com uma estreia promissora, o SPFC conquistou o segundo lugar em seu primeiro campeonato disputado, empatado com o Santos, sendo, o Corinthians, campeão deste ano.

Segundo Mazzoni (2024), o São Paulo Futebol Clube conquistou seu primeiro Campeonato Paulista em 1931, firmando-se como nova força do futebol paulista apenas meses após sua fundação. Naquele ano, a equipe superou o Palestra Itália pela primeira vez na competição e encerrou o campeonato com campanha dominante. A vitória decisiva ocorreu na Chácara da Floresta, resultado que marcou o começo da história do Tricolor no cenário estadual.

De acordo com Molina (2025), a década de 1930 teve os seguintes campeões: Corinthians em 1930, o São Paulo em 1931 e, nos três anos seguintes, 1932, 1933 e 1934, o título ficou com o Palestra Itália. Em 1935, o campeão foi o Santos, mas em 1936 o troféu voltou às mãos do Palestra Itália. Na sequência, o Corinthians dominou o torneio entre 1937 e 1939, com o tricampeonato. Em 1940, o título retornou ao Palestra Itália, seguido por nova conquista do Corinthians em 1941. Já em 1942, o campeão foi o Palmeiras. Em 1943 o São Paulo Futebol Clube voltou a ser campeão do Campeonato Paulista diante de uma incredulidade dos outros times. Nasce, então, o mito da Moeda em pé (Molina, 2025).

Nesse contexto de disputas institucionais, a consolidação do futebol paulista e seu campeonato nos leva a refletir e compreender o que ocorreu em meados da década de 1940, no episódio analisado neste trabalho e que consta no documentário Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube.

2.2 A história da fundação do São Paulo Futebol Clube

Como citado anteriormente, o São Paulo Futebol Clube nasceu da fusão entre o Paulistano e a Associação Atlética das Palmeiras, no dia 25 de janeiro de 1930. Nos anos seguintes à fundação, o São Paulo Futebol Clube enfrentou dificuldades institucionais e financeiras que o colocaram em risco. Depois de um período de instabilidade, as atividades foram interrompidas e retomadas em 16 de dezembro de 1935. Essa reorganização foi conduzida por associados e dirigentes que buscaram preservar a identidade, os símbolos e a história do São Paulo Futebol Clube, reconhecendo a importância da fase iniciada em 1930 (Serra, 2021).

De acordo com Serra (2021), a trajetória do São Paulo Futebol Clube entre 1930 e 1943 foi marcada por tentativas de reconstrução institucional, reorganização administrativa e busca por afirmação no cenário do futebol paulista. O clube precisou se reerguer em meio a disputas políticas entre entidades esportivas e às transformações que o futebol brasileiro vivia naquele período. Esse processo foi importante para a construção da imagem institucional do São Paulo e para a formação das bases simbólicas que seriam retomadas em momentos decisivos de sua

história, como a conquista do Campeonato Paulista de 1943, que se tornou um marco decisivo na trajetória institucional do clube.

De acordo com A Gazeta Esportiva (1943, *apud* Serra, 2021, p. 170) o Paulistão de 1943 carrega consigo uma lenda. Segundo o jornal, em uma reunião do conselho arbitral que definiria o regulamento do Campeonato Paulista daquele ano, os presidentes dos times debatiam normas e detalhes. Foi neste evento que um dirigente ou jornalista (o jornal não traz essa precisão) teria ironizado: bastaria jogar uma moeda ao ar para decidir o campeão. Se caísse cara, o Corinthians levaria o título; se desse coroa, o Palmeiras. Foi então que, ainda segundo a Gazeta Esportiva (1943, *apud* Serra, 2021, p. 170), uma pessoa teria perguntado: “E o São Paulo?”, ao que um dos presentes respondeu: “Só se a moeda cair de pé!”.

De acordo com o livro Onde a moeda cai em pé volume I: 1930-1943 (Serra, 2021), no início da década de 1940, o São Paulo Futebol Clube buscava retomar o protagonismo no cenário paulista, posição que o clube já tinha vivido com o chamado Esquadrão de Aço e a conquista do Campeonato Paulista de 1931. Foi então que a contratação de Leônidas da Silva, em 1942, representou um marco decisivo nesse processo de reconstrução. Com o reforço do atacante, somado a nomes como Luizinho, Waldemar de Brito, King e outros atletas de destaque, o São Paulo passou a ser apontado como forte candidato ao título. Ainda assim, havia quem discordasse dessa avaliação.

O São Paulo continuou a contar com reforços para alcançar a taça. Ainda em 1942, contratou o lateral-esquerdo Noronha, vindo do Vasco da Gama, atleta que integraria todas as conquistas estaduais do clube na década. Em 1943, o volante Zarzur retornou ao São Paulo após sete anos, e chegou Zezé Procópio, contratado do Palmeiras. Na pré-temporada daquele ano, Leônidas da Silva desfalcou a equipe em oito dos nove amistosos. Mesmo assim, o desempenho da equipe foi consistente: cinco vitórias, incluindo um 5 a 0 sobre o Cruzeiro, em Belo Horizonte, três empates e apenas uma derrota, para o Atlético Mineiro, também na capital mineira (Serra, 2021).

A sequência de resultados negativos logo se tornou alvo de ironias entre os rivais e a imprensa. A fase era delicada: o São Paulo ocupava a quarta posição, atrás de Palmeiras, Corinthians e Portuguesa, somando seis pontos perdidos em catorze disputados. Relatos sobre brigas internas aumentaram a crise, levando à saída de Conrado Ross do comando técnico em 10 de maio de 1943. Ele foi realocado para a função de observador de talentos (Serra, 2021).

Ainda conforme Serra (2021), era esperado que Vicente Feola assumisse a equipe, mas a diretoria optou por uma solução considerada ousada na época: a contratação de Jorge Gomes de Lima, o Joreca. Português, com trajetória no esporte e na crônica esportiva, Joreca era

formado na Escola de Educação Física do Estado de São Paulo e obteve licença como árbitro na FPF no início da década de 1940. Ainda segundo o autor, sua chegada foi tratada, inicialmente, como uma aposta estranha, mas marcou uma mudança no ambiente interno do clube, já que era reconhecido pela habilidade em gerir grupos e conquistar a confiança dos jogadores.

Como registra Serra (2021), a estreia de Joreca como técnico aconteceu no dia 16 de maio, e o resultado foi imediato: o São Paulo goleou o Santos por 6 a 1, com atuação decisiva de Leônidas, autor de três gols. A transformação rápida foi atribuída a dois fatores complementares. Dentro de campo, o treinador fez uma alteração tática, invertendo as posições de Sastre e Remo entre os meias, o que reorganizou o setor ofensivo. Como reflexo dessa mudança, o São Paulo venceu a Portuguesa Santista por 8 a 1 na rodada seguinte, em 30 de maio, com nova atuação de destaque de Leônidas, novamente marcando três gols.

A vitória sobre o Santos marcou o início de uma recuperação consistente, e o clube chegou embalado ao clássico contra o Palmeiras. A expectativa era alta, e o ambiente externo refletiu essa atmosfera: pela primeira vez, o confronto passou a ser promovido pela imprensa com o nome de Choque-Rei, apelido dado por Tomaz Mazzoni, termo divulgado pela A Gazeta Esportiva nos dias que antecederam a partida e que rapidamente se consolidou no vocabulário do futebol paulista. A grande cobertura jornalística incluiu dados estatísticos do confronto, caricaturas e até a informação de que Leônidas poderia ser desfalque, o que se confirmou (Serra, 2021).

Mesmo sem seu principal jogador, o São Paulo venceu a partida. A repercussão foi imediata, e o resultado foi tratado como decisivo para a retomada da confiança e para a disputa do título. Serra (2021) ainda conta que a equipe manteve o ritmo nas rodadas seguintes, mesmo com algumas ausências de Leônidas. As vitórias sobre o São Paulo Railway e sobre o Comercial levaram o time à vice-liderança após tropeço do Palmeiras naquele período. O Corinthians, porém, seguiu à frente, sustentando vantagem mínima. Ainda segundo o autor a disputa pelo título manteve-se equilibrada entre São Paulo e Corinthians, com ambos os clubes vencendo sucessivamente e preservando a paridade na liderança.

Pela ótica de Serra (2021), aquela edição do Campeonato Paulista possuía uma organização distinta das competições atuais, já que as partidas não seguiam uma ordem fixa de rodadas, sobretudo porque quase todos os jogos eram disputados no Pacaembu. Quando chegou o dia para o jogo final, o cenário para a definição do título estava claro: ao São Paulo bastava um empate para voltar a ser campeão paulista, algo que não ocorria desde 1931, ainda na era do Esquadrão de Aço e antes da refundação do clube em 1935. Já o Palmeiras, em caso de

vitória, criaria um triplice empate na ponta e obrigaria a realização de um torneio extra com a participação do Corinthians, o que poderia levar a um triangular decisivo entre os três rivais.

O São Paulo possui, no momento, um 'onze' respeitável, em que não há ponto fraco. Com uma defesa boa, uma linha média de rara eficiência e uma vanguarda bem articulada, rápida e firme nos remates, está em condições de efetuar feitos maiores do que o esperado na luta de logo mais [...]. Não é fácil prever, a despeito do favoritismo do S. Paulo F. C., qual dos dois clubes será o vencedor. (O Estado de São Paulo, 1943, *apud* Serra, 2025)

Foi então que os veículos da época retomaram o mito da moeda e o jornal O Esporte publicou, no dia 1º de outubro de 1943 uma manchete com: “Essa moeda é capaz de cair de pé!”, como representado na Figura 1.

Figura 1 - Matéria do O Esporte sobre o campeonato paulista de 1943



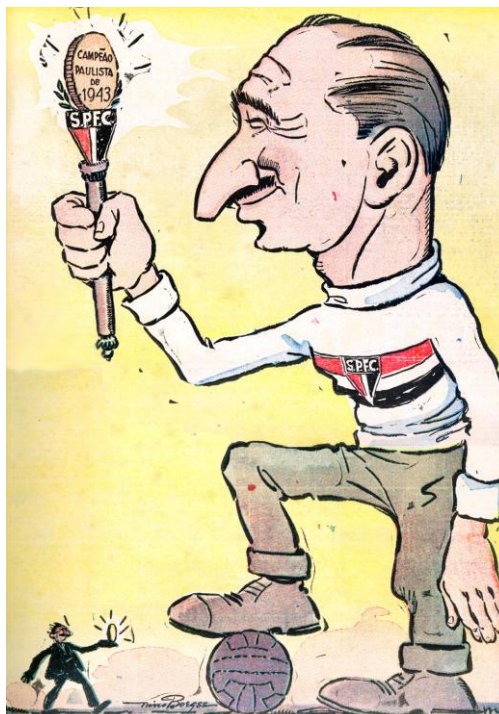
Fonte: Serra, 2025

Assim, no dia 3 de outubro de 1943 às 15:45, o Pacaembu recebeu 50.143 torcedores para o Choque-Rei. Conforme conta Serra (2021), Joreca escalou o que tinha de melhor à disposição do São Paulo: King no gol; Piolim e Virgílio na zaga; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha no meio-campo; e Luizinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal no setor ofensivo. Ainda segundo o autor, como era esperado em um clássico o duelo começou equilibrado, com forte marcação, muitas faltas e raras oportunidades claras de finalização.

A intensidade da partida aumentava a cada minuto, e as ações passaram a ser mais fortes. Registros da época contam que o confronto foi tenso e exigiu intervenções do árbitro: “Acirra-se mais a luta e o juiz é obrigado a advertir severamente alguns alvi-verdes, pelas atitudes. Positivamente, existe muito má intenção... escondida. O juiz não deixa, porém, de deitar água fria no caldeirão da incorreção” (A Gazeta Esportiva, 1943, *apud* Serra, 2021, p. 176). Conforme relata Serra (2021), o primeiro tempo terminou sob domínio tricolor, que cedeu pouquíssimo espaço ao adversário. O jogo mudou totalmente na segunda parte da partida; nos instantes finais, o confronto seguia tenso, até que, após a cobrança de escanteio e uma bola

desviada pela linha lateral, o árbitro apitou o final da partida. O empate sem gols confirmou o título. Na arquibancada, gritos da torcida: o São Paulo era campeão paulista. A moeda havia caído em pé: “Ei-lo: Campeão, soberbo, altivo e varonil!!! Lutas, glórias, sonhos, tudo se confunde no bimbahardos sinos, na aleluia da alma sampaulina radiante” (O Esporte, 1943 *apud* Serra, 2021, p. 177).

Figura 2 - A moeda em pé



Fonte: Serra, 2025

2.3 Jornalismo esportivo

De acordo com Gurgel (2009), o jornalismo esportivo teve origem na Europa e ganhou impulso com o lançamento do *Sportman*, na Inglaterra, em 1852, considerado o primeiro diário dedicado exclusivamente ao esporte. Esse movimento não ocorreu de forma isolada: pesquisas mostram que, naquele mesmo período, outros países europeus também passaram a criar publicações voltadas ao tema. Como ainda não existia uma modalidade dominante, o esporte era abordado, na maioria das vezes, sob uma perspectiva social, associada à promoção da saúde e do bem-estar.

Em 1896, surgiu em Milão, na Itália, o jornal *Gazzetta Dello Sport*, durante a realização dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, em Atenas. Na época, as publicações eram diversas, abordando várias modalidades. Com o surgimento do rádio, aumentaram as

possibilidades de difusão do esporte. Segundo Gurgel (2009), um marco relevante para o desenvolvimento da mídia esportiva ocorreu em 1921, nos Estados Unidos, com a primeira transmissão de rádio de um evento esportivo de grande porte: a luta de boxe entre os pesos-pesados Jack Dempsey e Georges Carpentier.

Já no Brasil, de acordo Coelho (2011), a presença de conteúdos esportivos na cidade de São Paulo começou em torno do ano de 1910, quando o jornal *Fanfulla* passou a publicar seções voltadas ao esporte. Embora não tivesse perfil elitista nem a intenção de influenciar a opinião pública, o periódico teve papel relevante ao alcançar um público em expansão na época: a comunidade italiana que morava em São Paulo.

A importância dos veículos que se dedicavam ao esporte começou mais cedo, no entanto. Em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*. Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos. (Coelho, 2011, p. 8)

Na época, ainda não havia um jornalismo esportivo estruturado como se conhece atualmente. Apesar disso, Coelho (2011) explica que, graças aos registros publicados pela imprensa do período, foi possível preservar momentos inaugurais do esporte no Brasil, como a data e o adversário do primeiro jogo do *Palestra Italia*, do *Corinthians*, do *Santos*, e ainda o fato de que o time de futebol do *Flamengo* surgiu apenas em 1911, embora o clube existisse desde 1895 voltado ao remo.

Não existia o que se pode chamar hoje de jornalismo esportivo. Mas não fossem aqueles relatos e ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho *Palestra*. Nem do velho *Corinthians*, nem do *Santos*, nem que o futebol *Flamengo* só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado. Tudo meio a contragosto. Porque nas redações do passado – e isso se verifica também hoje em dia – havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte. (Coelho, 2011, p. 8)

Coelho (2011) ainda explica que, ao longo da história da imprensa brasileira, o jornalismo esportivo enfrentou resistência para ser reconhecido como destaque. No início do século passado, o futebol era considerado um tema menor, incapaz de ocupar manchetes ou competir em relevância com assuntos políticos ou econômicos. Tinha a percepção de que nem mesmo o remo, que na época era o esporte mais popular do país, seria digno de figurar nas primeiras páginas dos jornais, o que ilustra o preconceito inicial em torno do esporte como tema jornalístico.

Conforme Coelho (2011), durante boa parte do século XX, dirigir uma redação esportiva significava enfrentar o preconceito de que o público interessado nesse tipo de conteúdo pertencia às camadas da população de menor poder aquisitivo, o que implicava também um menor acesso à leitura e ao consumo de publicações. Isso tornava o trabalho ainda mais desafiador, já que o público-alvo, embora numeroso e apaixonado, muitas vezes não tinha meios econômicos para sustentar um mercado editorial voltado ao esporte.

Contudo, foi no início do século XX, que o Rio de Janeiro se consolidou como o centro cultural e esportivo do país, tornando-se também o principal polo de desenvolvimento do jornalismo esportivo brasileiro. Nesse contexto, os jornais cariocas passaram a dar mais espaço ao futebol, acompanhando sua popularização, impulsionada pela inclusão de jogadores negros nas equipes. Esse movimento foi simbolizado pelas conquistas do Vasco da Gama em 1923 e 1924, que marcaram a abertura do futebol às classes populares e a construção do estádio de São Januário como símbolo de afirmação social e esportiva (Coelho, 2011).

No início do século XX, o Rio de Janeiro pulsava e impulsionava o Brasil. E no Rio os jornais dedicavam também cada dia mais espaço ao futebol. Mais do que nas demais cidades do país. Os jogos dos grandes times da época aos poucos foram ganhando destaque. Até que o Vasco, em 1923, venceu a segunda divisão apostando na presença dos negros em seus quadros. (Coelho, 2011, p. 8)

Segundo Soares (1994), o rádio esportivo teve papel fundamental para transformar o futebol em um esporte de massa e para consolidar o rádio como meio de comunicação popular no Brasil. Esse processo teve início em 1931, com a primeira narração detalhada de uma partida realizada por Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista, durante o VIII Campeonato Brasileiro de Futebol. Até então, os ouvintes só tinham acesso aos resultados após o fim dos jogos, sendo necessário estar no estádio para acompanhar as partidas. Naquele período, a radiodifusão ainda estava em fase de consolidação, com apenas nove anos de existência, marcada por improvisação e amadorismo.

Como aponta Soares (1994), grande parte do noticiário radiofônico dependia da leitura de textos retirados dos jornais, prática conhecida como “a tesoura”. No jornalismo esportivo, as emissoras apenas liam telegramas com os resultados das partidas, sem transmissões ao vivo. Tota (1990) registra que, em abril de 1925, a Rádio Educadora anunciou pela primeira vez resultados de jogos da capital, do interior e do exterior.

Segundo Coelho (2011), a imprensa esportiva se expandiu de forma gradual nas décadas seguintes. O Jornal dos Sports, fundado em 1931 no Rio de Janeiro, foi o primeiro diário brasileiro exclusivo de esportes. Antes dele, em 1928, surgiu A Gazeta Esportiva como

suplemento, tornando-se diário apenas em 1947. Esse processo refletia os desafios da imprensa esportiva, marcada pelo preconceito de que seu público teria menor poder aquisitivo e baixo hábito de leitura.

Coelho (2011) também destaca que, mesmo com essas dificuldades, novas publicações surgiram ao longo do tempo. A Revista do Esporte, editada entre o final dos anos 1950 e o início da década de 1960, acompanhou o auge do futebol brasileiro, o surgimento de Pelé e as conquistas da Seleção em Copas do Mundo, mas acabou encerrando suas atividades por conta de dificuldades financeiras. No final dos anos 1960, o jornalista Roberto Petri lançou O Jornal, um diário esportivo de curta duração, antes de retomar sua carreira em emissoras de rádio e televisão. Somente a partir da segunda metade da década de 1960 os grandes jornais brasileiros passaram a investir de forma mais estruturada no noticiário esportivo, com a criação de cadernos específicos, como o Caderno de Esportes do Estado de São Paulo, que deu origem ao Jornal da Tarde em 1967. Isso representou um marco na cobertura esportiva nacional, ao incluir reportagens mais aprofundadas e um olhar analítico sobre o esporte. A partir desse período, o jornalismo esportivo ganhou maior relevância editorial, embora ainda fosse tratado como um gênero secundário dentro das redações (Coelho, 2011).

De acordo com Silveira (2009), o jornalismo na televisão brasileira passou a integrar o cenário esportivo a partir de 1950, com a primeira transmissão ao vivo realizada pela TV Tupi, que exibiu a partida entre São Paulo e Palmeiras, no estádio do Pacaembu. Poucos anos depois, em 1954, a TV Record passou a disputar a audiência esportiva com o lançamento do programa Mesa Redonda, apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, que trouxe transmissões ao vivo de partidas de futebol. Ainda segundo o autor, a Record também foi pioneira ao realizar a primeira transmissão externa direta, durante um jogo entre Santos e Palmeiras na Vila Belmiro, consolidando-se como a principal emissora esportiva da década de 1950.

Coelho (2011) observa que, nas décadas de 1950 e 1960, o jornalismo esportivo brasileiro passou a incorporar um estilo mais literário, influenciado por cronistas como Nelson Rodrigues e Mário Filho. As crônicas de Rodrigues se tornaram referência nesse período, mesmo que não se enquadrassem exatamente nos moldes tradicionais do jornalismo.

Segundo Coelho (2011), esse tipo de escrita ajudou a transformar os jogadores em figuras quase míticas, elevando-os de atletas a ídolos populares. Até partidas marcadas pela violência, como a final entre Bangu e Flamengo em 1966, eram narradas com intensidade e emoção, fortalecendo o imaginário dos torcedores e o vínculo emocional com seus ídolos. O

autor ressalta, porém, que a mistura entre realidade e ficção dificultava a distinção entre fato jornalístico e interpretação literária, gerando distorções duradouras na forma de narrar o futebol.

O problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é. Mas a maneira como os principais jornalistas esportivos de cada tempo se referem aos jogadores de cada época produz distorções difíceis de corrigir. (Coelho, 2011, p. 19)

Segundo Silveira (2009), a partir da década de 1970 o jornalismo esportivo brasileiro passou por um processo de profissionalização, com redução das imprecisões e maior compromisso com a veracidade. Nesse período, a criação da revista Placar marcou a segmentação da cobertura esportiva, com espaço para análises e reportagens especializadas. Esse crescimento se manteve nas décadas seguintes e, nos anos 1990, as editorias esportivas já contavam com equipes estruturadas. Esse cenário possibilitou a criação do jornal Lance!, fundado por Paulo Vinícius Coelho e outros jornalistas, marcando uma nova fase da imprensa esportiva no Brasil (Silveira, 2009).

Ainda segundo a autora, os avanços tecnológicos intensificaram mudanças no setor. No fim dos anos 1990, o crescimento da *internet* levou muitos jornalistas a migrarem para sites esportivos, como o Panamerican Sports Networks (PSN) e o Internet Group do Brasil (iG). O fortalecimento do meio digital foi impulsionado pela fusão entre a Warner e a America Online (AOL), em 1997. Nesse mesmo período, o Lance! já surgiu com versão *online*, e, em 1994, os grupos Abril e Folha lançaram o Universo Online (UOL) (Silveira, 2009).

Silveira (2009) observa que, apesar do otimismo inicial, a aposta no jornalismo esportivo digital não se sustentou. Em 2001, o PSN decretou falência, e o entusiasmo com o novo modelo sumiu. Enquanto isso, o jornalismo esportivo impresso começava a viver um período de queda: a revista Placar, em 1995, precisou reformular-se e passou a publicar apenas edições especiais, e, em 2002, a editoria de esportes da Folha de S. Paulo contava com apenas quinze profissionais, mostrando a redução da estrutura das redações e o fim do que a autora chama de anos dourados do jornalismo esportivo impresso.

Segundo Coelho (2011), a televisão por assinatura no Brasil iniciou-se em 1991 com a entrada da Globosat e da Televisão Abril (TVA). O grupo Globo obteve vantagem por sua experiência e melhor infraestrutura, enquanto a TVA adotou uma estratégia tecnológica limitada ao apostar em miniantenas parabólicas. Em 1992 foi lançado o SporTV, que rapidamente superou a TVA Esportes, criada em 1993, tanto em número de assinantes quanto em captação de patrocínios. Em 1994, a disputa se intensificou quando a TVA Esportes fechou

contrato com o Clube dos Treze, enquanto a Globosat firmou acordo com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Coelho (2011) complementa que rádios, jornais e emissoras de televisão há décadas disputam a atenção de um público ávido por informações esportivas. Contudo, ele observa que o peso da informação varia conforme o meio: enquanto a imprensa escrita tendia a oferecer análises e contextualizações mais aprofundadas, o rádio e a televisão privilegiavam a instantaneidade e o impacto emocional.

Para Coelho, a única forma de reafirmar a importância do jornalismo esportivo é demonstrar que ele não existe apenas por esporte, mas como parte essencial da prática jornalística comprometida com a verdade, a crítica e a qualidade da informação: “A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte.” (Coelho, 2011, p. 115)

A trajetória do jornalismo esportivo, o interesse do público e da imprensa nessa modalidade, além da cobertura jornalística que não apenas registrou resultados e estatísticas, mas também contribuiu para transformar feitos esportivos em narrativas memoráveis nos faz entender o porquê e a importância do documentário sobre um dos episódios mais importantes na história do São Paulo Futebol Clube.

3 O DOCUMENTÁRIO NO CONTEXTO DO JORNALISMO ESPORTIVO

De acordo com Nichols (2010), a força do documentário está na impressão de autenticidade que ele é capaz de produzir. Desde as primeiras imagens em movimento, mesmo com limitações técnicas, o cinema conseguiu transmitir uma sensação de realidade porque o movimento aparente se torna praticamente indistinguível do real. Essa confiança no que é visto influencia nossa forma de compreender e agir no mundo. Ainda segundo o autor, os documentários também dependem dessa relação entre imagem e realidade para persuadir o espectador a adotar determinadas interpretações ou pontos de vista.

Quando acreditamos que o que vemos é testemunho do que o mundo é, isso pode embasar nossa orientação ou ação nele. Obviamente, isso é verdadeiro na ciência, em que o diagnóstico por imagem tem importância vital em todos os ramos da medicina. [...] Assim fazem muitos documentários, quando têm a intenção de persuadir-nos a adotar uma determinada perspectiva ou ponto de vista sobre o mundo. (Nichols, 2010, p. 20)

O autor também explica que o documentário se relaciona com o mundo por meio da representação, atuando de três maneiras principais. Primeiro, ele oferece retratos reconhecíveis da realidade, explorando a capacidade do registro audiovisual de captar pessoas, lugares e acontecimentos com grande fidelidade. Essa característica costuma gerar confiança: ao vermos algo que esteve diante da câmera, tendemos a acreditar em sua veracidade, embora Nichols (2010) ressalte que toda imagem é limitada e pode ser manipulada tanto na produção quanto na pós-produção.

Além disso, os documentários apresentam histórias, argumentos e descrições que orientam um novo modo de perceber a realidade registrada, combinando o poder de evidência da imagem com estruturas narrativas e interpretativas. Em segundo lugar, o documentário também representa interesses de outros, funcionando de forma semelhante à democracia representativa, em que determinados agentes falam em nome de um grupo. Por fim, ele pode assumir um papel de um ponto de vista específico e buscar influenciar opiniões, da “mesma forma que um advogado representa os interesses de um cliente” (Nichols, 2010, p. 30).

Ainda de acordo com Nichols (2010), definir o que é documentário não é simples. O autor explica que o material só pode ser compreendido comparativamente, sobretudo em oposição ao filme de ficção ou ao cinema experimental, que ajudam a delimitar seus contornos. Ele também enfatiza que o documentário não deve ser entendido como uma mera reprodução da realidade, já que não funciona como uma cópia objetiva do mundo. Em vez disso, o autor

constitui uma representação que expressa uma determinada visão sobre a realidade, oferecendo ao espectador uma perspectiva que pode ser inédita, mesmo quando retrata elementos familiares do cotidiano.

[...] Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual talvez nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos sejam familiares. [...] Documentário é o que poderíamos chamar de “conceito vago”. Nem todos os filmes classificados como documentário se parecem, assim como muitos tipos diferentes de meios de transporte são todos considerados “veículos”. (Nichols, 2010, pp. 47-48)

Assim, segundo Nichols (2010) o documentário não pode ser reduzido a um conjunto fixo de técnicas, estilos ou temas, pois sua prática é constantemente transformada por novas abordagens e experimentações. Em vez de buscar uma regra universal, Nichols propõe observar modelos, protótipos e casos exemplares, que funcionam como referências sem exigir que todos os documentários apresentem as mesmas características. Logo, o campo do documentário se constitui como uma arena aberta, marcada pela inovação, pela disputa de formas e pela ampliação contínua de seus limites.

Associado às ideias de Nichols (2010), entendemos que o documentário *Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube*, lançado em 2018, se encaixa na diversidade defendida pelo autor, visto que possui depoimentos diversos, sendo eles emocionais, reconstruções históricas e análises de especialistas, combinando elementos performativos, expositivos e poéticos.

3.1 Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube

Os primeiros minutos do documentário: *Onde a Moeda Cai em Pé: A História do São Paulo Futebol Clube* (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), produzido pela Entertainment and Sports Programming Network (ESPN), estabelecem uma estrutura narrativa que combina memória afetiva, testemunho, reconstrução histórica e construção simbólica da identidade do São Paulo Futebol Clube. A obra inicia com a fala de Rogério Ceni, considerado pela imprensa e pela torcida como um importante goleiro na história do clube. Ceni (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) conta sobre a sensação de entrar no estádio e enquanto fala são mostradas imagens do estádio do clube. Logo depois, o documentário passa do testemunho individual para a coletividade: entram imagens e sons dos cantos da torcida.

Quando você entra no estádio vazio, no Morumbi vazio hoje, para mim a noite ainda, você consegue escutar a voz do torcedor cantando numa noite de Libertadores. Então assim, se você ficar em silêncio no Morumbi, mesmo aos 40 e tantos anos, você ainda vai lembrar dos grandes jogos que você fez, porque o barulho do torcedor está sempre presente, mesmo com as arquibancadas vazias. Para a gente que viveu, para mim e para tantos outros que viveram essa história de uma maneira, de uma parceria tão grande, porque eu aprendi, não a jogar pelo São Paulo, eu aprendi a torcer pelo São Paulo. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)

Depois da fala de Rogério Ceni, é apresentada a vinheta de abertura do documentário. Nela, são utilizadas imagens históricas e emblemáticas da trajetória do clube, como o título da Libertadores de 1992 com cenas de Telê Santana, a defesa histórica de Rogério Ceni no Mundial em 2005 contra o Liverpool e até mesmo a antiga bandeira do clube.

O documentário apresenta, por meio de falas e explicações do historiador Michael Serra, que o clube foi oficialmente fundado em 1930, sendo reiterada a afirmação de que o “São Paulo é um só desde 1930” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018). Segundo a obra, o surgimento do clube resulta da fusão entre o Clube Atlético Paulistano, que abandonou o futebol, conforme citado anteriormente, e a Associação Atlética das Palmeiras, proprietária da Chácara da Floresta.

A obra contextualiza a relevância do Paulistano com falas do jornalista Alberto Helena, destacando sua influência na elitização inicial do futebol paulista, sua projeção internacional após a viagem de 1925 e sua recusa ao processo de profissionalização. Outro jornalista, Orlando Duarte, relata que, com a saída do Paulistano do futebol, seus jogadores e sócios se uniram à A. A. das Palmeiras, processo que resultou na criação do São Paulo Futebol Clube. Alberto Helena volta à cena e explica que o São Paulo Futebol Clube já nasce estruturado, com torcida, atletas e identidade visual definida (Figura 3).

Figura 3 - Primeiro time do São Paulo Futebol Clube (minuto 3:33)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Serra explica, entre 4:12 e 4:31 do documentário, a criação do escudo, que foi desenhado pelo alemão Walter Ostrich; e as cores derivam da fusão: branco de ambos os clubes, vermelho do Paulistano e preto da A. A. das Palmeiras (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

O documentário traz também um olhar mais pessoal entre os minutos 4:31 e 4:46, com o torcedor Rafael Techima, destacando que diversos elementos simbólicos já diferenciavam o São Paulo desde sua formação. Entre eles estão o hino, o modelo da camisa, a posição do escudo e o fato de o emblema não seguir o formato circular comum, sendo representado por um coração de cinco pontas.

Em seguida, Michael Serra e Alberto Helena, entre os minutos 4:46 a 5:10, contextualizam que o clube nasceu com grande projeção e rapidamente conquistou o título de 1931 com uma equipe considerada de alto nível. No entanto, destacam que, ao investir na chamada aventura do Trocadero, um edifício de alto custo localizado no centro da cidade, a diretoria acabou adotando decisões administrativas equivocadas que comprometeram a estabilidade institucional.

Com um elemento histórico, o documentário também traz imagens de Manoel Raymundo Paes de Almeida, sócio benemérito do clube (Figura 4). Ele relata que, após o encerramento das atividades do primeiro São Paulo, a refundação do clube só se tornou possível graças à iniciativa de um grupo liderado por Monsenhor Francisco Bastos, acompanhado por figuras como Porfírio da Paz, Frederico Germano Mense, Jaime Rosso, Gumercindo de Luca e

Francisco Pereira Carneiro. Eles se mobilizaram para fazer o clube renascer: “Mas, infelizmente, esse São Paulo acabou. E um grupo de pobretões, mas de idealistas [...] todos homens pobres, mas idealistas, e queriam ressurgir o São Paulo de novo.” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

Figura 4 - Manoel Raymundo Paes de Almeida (minuto 5:15)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Serra, aos 5:48 do documentário, acrescenta que o São Paulo refundado em 16 de dezembro de 1935 estava, naquele momento restrito aos seus próprios associados: torcedores profundamente engajados que não aceitaram o desaparecimento do time. Sem patrimônio material relevante após o fechamento do clube anterior, a nova agremiação sobrevivia sustentada essencialmente pela dedicação de seus sócios e pela preservação de seus símbolos (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

O documentário ainda traz uma figura emblemática do clube: o jornalista paulista, repórter de A Gazeta Esportiva e ex-presidente do Conselho Consultivo do São Paulo Futebol Clube, Paulo Planet. Entre os minutos 6:02 e 6:14, Planet (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), conta que a força que impulsionava a presença e o apoio contínuo da torcida era justamente a fé depositada no clube. Esse sentimento coletivo acabou consolidando a expressão que passou a caracterizar o São Paulo como o Clube da Fé: “Era a fé que movia a sua torcida a comparecer, a torcer, a incentivar. Então criou-se esse slogan, que ele era o Clube da Fé.”

Figura 5 - Arte de Thomaz Mazzoni sobre o time da fé (minuto 6:40)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Serra (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) explica que em 1938, o São Paulo passou a realizar seus jogos na Rua da Mooca, mas por pouco tempo, já que a inauguração do Pacaembu, em 1940, tornou aquele campo pequeno para receber partidas de maior porte. O documentário utiliza, neste momento, imagens da inauguração do Pacaembu e do jogo (Figura 6), com o hino do clube tocando enquanto são exibidas imagens após a fala do historiador.

Figura 6 - Inauguração do Pacaembu em 1940 (minuto 6:55)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Conforme conta Planet (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), no dia da inauguração do estádio, com a presença de Getúlio Vargas, o São Paulo foi recebido com uma “intensa salva de palmas” quando entrou em campo. Outra gravação de Manoel Raymundo Paes de Almeida, é utilizada entre os minutos 7:24 e 7:35 contando que Vargas perguntou ao Dr. Adhemar de Barros, interventor Federal nomeado por Getúlio Vargas na época, e ouviu a resposta de que se tratava do São Paulo Futebol Clube: descrito ali como “o mais querido da cidade”. No minuto 7:35, o jornalista Orlando Duarte ainda explica que os gritos de “viva o São Paulo”, feitos pela torcida, funcionavam como uma forma de resposta simbólica ao regime ditatorial da época: “Daí, o clube mais querido da cidade” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)

Pela ótica de Serra (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), o São Paulo queria consolidar a imagem de um clube genuinamente brasileiro e representativo da identidade paulista, já que os outros clubes eram formados por colônias como inglesas, espanholas e italianas. Essa parte pode ser vista a partir do minuto 7:46 do documentário. Isso só começou a mudar depois, com a nacionalização do clube, especialmente após a chegada do jogador Leônidas da Silva. Após a fala do historiador, são mostradas imagens do time da época e de Leônidas, com uma música sobreposta as imagens.

Planet (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), retorna a tela contando que o jogador tinha acabado de encerrar sua passagem pelo Flamengo quando surgiu, no São Paulo, a ideia de contratá-lo. Na época, essa aquisição era considerada impensável devido ao alto custo do jogador. O jornalista Paulo Helena soma a fala de Planet, explicando que o atacante estava com problemas no joelho, muita gente não acreditava mais nele e, com quase 30 anos, já era visto como veterano. No começo da fala de Helena, mais imagens de Leônidas são mostradas (Figura 7).

Figura 7 - Leônidas pelo São Paulo (minuto 8:35)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

A partir do minuto 8:40 o ator brasileiro e torcedor fanático pelo Tricolor Paulista, Lima Duarte aparece para contar suas memórias sobre o time. Duarte (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), revela que Leônidas estava longe de ser um jogador comum. Ele tinha sido um grande atleta, formado nas várzeas do Rio de Janeiro, especialmente no São Cristóvão. Então, o jornalista Orlando Duarte acrescenta as falas do ator, contando que no dia da chegada de Leônidas à Estação Roosevelt, representada na Figura 8, havia milhares de pessoas à sua espera, o que o deixou entusiasmado.

Figura 8 - Estreia de Leônidas da Silva pelo São Paulo Futebol Clube (minuto 9:14)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Paulo Planet (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) ainda destaca o conhecimento tático e a versatilidade de Leônidas, apontando-o como um atacante completo, capaz de finalizar com os dois pés e com qualidade no jogo aéreo. Em seguida, Serra relata que, em seu terceiro jogo pelo São Paulo, justamente em um clássico contra o Palestra, Leônidas marcou pela primeira vez um gol de bicicleta, lance que foi narrado por Geraldo José de Almeida no rádio e que simbolizou a consagração inicial do jogador. Depois disso, o documentário mostra a foto do gol de bicicleta de Leônidas (Figura 9) e coloca a narração de Geraldo José.

Figura 9 - Gol de bicicleta de Leônidas contra o Palestra (minuto 9:46)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Dona Albertina, viúva de Leônidas, também está inserida no documentário. Aos 9:54 ela afirma que Leônidas foi um gênio do futebol, muito reconhecido, e que o apelido Diamante Negro surgiu na França, em 1938. Após essa fala, o filme reproduz uma entrevista de Leônidas, afirmando que foi um dos jogadores que mais executaram esse tipo de lance (Figura 10), mas não se considerava o criador da bicicleta. Segundo ele, o movimento tinha outros nomes no início, como Belfort e Puxeta. Com o tempo, porém, os críticos brasileiros passaram a chamá-lo de bicicleta, por associarem o movimento ao gesto de pedalar ao contrário, com os pés para cima.

Eu posso me considerar talvez o homem que difundiu, que fazia com mais constância esses lances e talvez tivesse sido mais feliz. Mas não tem a veleidade de ser o criador, o autor do lance de bicicleta, não. Que foi denominado depois de bicicleta. Antes se usava, dizia que era Belfor, outro era Puxeta. Havia várias denominações desse próprio lance. Mas acabou os críticos brasileiros achando que os movimentos se assimilavam muito com a bicicleta ao inverso. Que é com os pés para baixo, mas que nós fazíamos com os pés para cima. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)¹

¹ Leônidas faleceu em 24 de janeiro de 2004. O ex-jogador sofria de Alzheimer e diabetes (LEÔNIDAS..., 2004)

Figura 10 - Leônidas afirma ter sido um dos jogadores que mais executaram o lance de bicicleta (minuto 10:05)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

No minuto 10:33, o jornalista Alberto Helena (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) retorna à narrativa e contextualiza o surgimento de uma equipe considerada histórica. Segundo Helena é nesse momento que se forma “aquele timaço”, composto por jogadores como Gijo, Piolim, Renganeschi, Rezinho, Sassi, Leônidas, Grêmio, Pardal e Teixeira, nomes que marcaram aquele período. Serra complementa que a equipe da época ficou conhecida como rolo compressor. Orlando Duarte ainda finaliza e diz que esse time deu ao São Paulo uma superforça.

Planet (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) retorna às telas e contextualiza a origem simbólica da história da moeda em pé. Segundo ele, adversários do São Paulo afirmavam que o clube só se tornaria campeão no dia em que uma moeda caísse de pé. Complementando essa fala, Serra ainda conta que queriam decidir na moeda o campeão daquele ano, se desse cara seria o Corinthians e se desse coroa seria o Palmeiras. Diante disso, o representante do São Paulo, que mostrou inconformismo na situação, perguntou: “E o São Paulo?”, foi então que responderam: “Só se a moeda cair em pé”. Durante a fala do historiador, são mostradas imagens publicadas em jornais da época e do time (Figura 11).

Figura 11 - A descrença dos adversários diante do São Paulo Futebol Clube (minuto 10:56)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Lima Duarte (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) reaparece ressaltando: “Ela caiu em pé, deu São Paulo!” Conforme Planet, o próprio Leônidas foi quem concretizou simbolicamente essa provocação quando o São Paulo conquistou o título, ao conseguir colocar uma moeda em pé. O episódio se tornou marcante e nunca foi esquecido. Serra (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), explica que, em 1943, o ponto forte do São Paulo estava no setor ofensivo, com jogadores como Leônidas, Sastre, Remo – representado na Figura 12 – e Pardal. Já a partir de 1946 e 1947, segundo ele, o time passou a se fortalecer principalmente no meio de campo, com a presença de Rui Bauer e Noronha.

Figura 12 - Jogador Remo em 1943 (minuto 11:45)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

O documentário segue trazendo os personagens já citados anteriormente, abordando ainda sobre o estilo de jogo do clube. No minuto 11:59 um novo depoimento, do ex-jogador Dino Sani explicando que aquele São Paulo jogava tecnicamente muito bem. Em seguida, a obra relata a fase conta da fase áurea do São Paulo, quando foi Bicampeão Paulista nos anos de 1948 e 1949, com imagens do time da época, dos jogos e gols, com uma música ao fundo.

O documentário traz outro depoimento, desta vez com o torcedor Marcelo Gentil, que contextualiza o cenário do futebol paulista ao afirmar que, naquele período, Palmeiras e Corinthians eram os dois grandes clubes da cidade. Nesse contexto, o São Paulo aparecia como um clube mais recente, ainda em processo de afirmação. Depois, o documentário mostra imagens do presidente à época, Cícero Pompeu de Toledo, e explica mais sobre a construção do estádio e a mobilização dos sócios e torcedores para que o projeto nascesse.

Na sequência, o documentário traz outra figura importante ao clube: Laudo Natel, Patrono do São Paulo Futebol Clube e na época diretor financeiro do clube. Ele conta que o projeto do novo estádio foi lançado praticamente sem recursos financeiros, sustentado mais pela circulação de ideias e pela mobilização interna do clube do que por dinheiro disponível. Nos anos 1950, o processo ganha forma com a atuação de Cícero Pompeu de Toledo e de um grupo que passa a desenvolver o projeto do Morumbi. É então, que em 15 de agosto de 1952, ocorre a bênção do terreno e o lançamento da pedra fundamental do estádio, mesmo sem um projeto definitivo estruturado. Enquanto isso era contado, imagens históricas da época foram reproduzidas no documentário.

Claudio Carsughi, jornalista, também está no documentário e conta que o clube precisou sacrificar algumas coisas para a construção, como o time (Boechat; Plihal; Jorge, 2018). O investimento em elenco foi reduzido, enquanto os esforços se voltavam para a obra. De acordo com Orlando Duarte (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), nesse período, o São Paulo passou a manter equipes de outras modalidades, como o atletismo e o boxe, ampliando sua atuação esportiva e consolidando-se como um clube poliesportivo. É nesse contexto que surge a ligação com atletas como Adhemar Ferreira da Silva, cuja trajetória esportiva esteve associada ao clube desde a fase amadora, mantendo um vínculo simbólico mesmo após a profissionalização e as competições internacionais representando o Brasil.

Nesse período um atleta se destaca dentro do clube no boxe, Eder Jofre. Depois de contextualizar sua história, o documentário esclarece também a origem das estrelas douradas presentes no símbolo do clube, que são frequentemente confundidas com títulos mundiais no futebol. As estrelas fazem referência aos recordes mundiais conquistados por Adhemar Ferreira da Silva no atletismo. Depois disso, é mostrada uma fala do ex-atleta.

Durante muitos anos eu enverguei, eu participei com a camisa do São Paulo Futebol Clube. A ponto de a diretoria reunida modificar estatutos, e que fosse colocada na bandeira do São Paulo, logo após 1952, uma estrelinha de ouro. No México, ao recobrar para o Brasil o recorde mundial, o São Paulo colocou a segunda estrelinha. São as duas estrelas que tem na bandeira de São Paulo. [...] Eu sou São Paulino e sempre dei o meu sangue para o São Paulo Futebol Clube. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)

A partir daí, o documentário resgata a memória do São Paulo de 1957, destacando a importância do técnico Béla Guttmann e do jogador Zizinho naquele período, em um time que conquistou o campeonato e ficou marcado como uma equipe forte e tecnicamente superior. Em seguida, o filme dedica espaço ao Canhoto, apresentado como símbolo de talento e improviso, com depoimento do ex-jogador Peixinho (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) e imagens de arquivo, ao mesmo tempo em que Michael Serra contextualiza a construção do Morumbi.

Os ex-jogadores Terto, Paraná, Arlindo Galvão, Serginho Chulapa e Waldir Peres aparecem também no filme, e é quando avança para as décadas seguintes, mostrando como, após a consolidação do estádio, o clube voltou a investir com mais força no elenco, formando equipes competitivas nos anos 1970 e 1971. São lembrados grandes jogadores, campanhas marcantes, o bicampeonato Paulista em 1970 e 1971 e frustrações, como a final da Libertadores de 1974. São utilizadas imagens da transmissão da Libertadores com uma narração por cima. Depois dessas imagens, surge o ex-jogador e técnico, Muricy Ramalho e o documentário conta sobre o título Paulista de 75, utilizando novamente imagens históricas do evento.

O documentário aborda, em seguida, a final do Campeonato Brasileiro de 1977 por meio de depoimentos de jogadores e dos técnicos Muricy e Rubens Minelli, intercalados com imagens da decisão no Mineirão, do canto da torcida e do pênalti que confirmou o título do São Paulo. Em seguida, o filme passa a lembrar o time de 1980 e 1981, com falas de Renato Morungaba e Dario Pereyra (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), imagens das campanhas do bicampeonato paulista e do vice-campeonato brasileiro de 1981.

O documentário também lembra as conquistas do São Paulo no Campeonato Paulista de 1985 e no Campeonato Brasileiro de 1986, utilizando imagens de arquivo e depoimentos de torcedores e personagens ligados ao clube, como Sylvio Rocha. Em seguida, o filme apresenta a era de Telê Santana, com falas de Andreas Kisser e de jornalistas, retomando a ideia da máquina do São Paulo, além de destacar jogadores como Raí, Zetti e Cafu, que marcaram aquele período, por meio de imagens, narrações da época e entrevistas.

O documentário também aborda as conquistas da Libertadores e dos Mundiais de 1992 e 1993, além da derrota na Libertadores de 1994, passando depois pelo retorno de Raí em 1998 e pelo título paulista daquele ano. O filme avança para os anos 2000, com destaque para a

trajetória de Rogério Ceni, a passagem de Kaká pelo clube, o retorno do São Paulo à Libertadores em 2004 e, por fim, a campanha vitoriosa de 2005, com as conquistas da Libertadores e do Mundial, trazendo ainda imagens e depoimentos de jogadores como Amoroso, Lugano e Mineiro.

Depois das conquistas de 2005, o documentário mantém Rogério Ceni como figura central, destacando o seu centésimo gol contra o Corinthians, e avança para a derrota na Libertadores de 2006 e para a campanha do Campeonato Brasileiro daquele ano, com ênfase na partida contra o Cruzeiro como ponto de virada. Em seguida, o filme aborda o título brasileiro de 2006, o bicampeonato de 2007 e o tricampeonato de 2008, usando imagens da época e destacando ídolos também os ídolos, como Hernanes e Dagoberto, além de gols marcantes e entrevistas com Dagoberto e o próprio Rogério Ceni.

Logo depois, o documentário reforça o lema de Clube da Fé na campanha de 2008, lembrando que o São Paulo chegou a ficar onze rodadas atrás na competição, mesmo com um elenco considerado limitado, até conquistar o inédito tricampeonato brasileiro consecutivo. O foco então se volta para Muricy, que aparece emocionado ao falar do reconhecimento da torcida, enquanto os depoimentos finais apresentam falas pessoais sobre o significado do clube, acompanhadas por imagens da torcida cantando, um discurso de Rogério Ceni e a menção à conquista da Copa Sul-Americana de 2012.

Por fim, o documentário mostra imagens da despedida e da aposentadoria de Rogério Ceni, seguidas por relatos emocionados de jogadores que apareceram ao longo da narrativa. Mais uma vez, imagens da torcida são utilizadas enquanto os depoimentos seguem. Juca Chaves aparece cantando uma música sobre o São Paulo, e o documentário se encerra com o hino do clube sobreposto a imagens históricas de diferentes períodos, finalizando com a frase: “Não se esqueça nunca, São Paulo é São Paulo” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

4 ANÁLISE DE DISCURSO NO DOCUMENTÁRIO ONDE A MOEDA CAI EM PÉ

De acordo com Orlandi (2005), a perspectiva da análise de discurso não se volta para a língua apenas como sistema ou para a gramática em si, mas para o uso social da linguagem em funcionamento. Assim, a língua é compreendida como um trabalho simbólico por meio do qual os indivíduos produzem sentidos, participam da vida social e constroem, ao longo do tempo, suas próprias histórias.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (Orlandi, 2005, p. 15)

Conforme o autor, a análise do discurso considera o sujeito dentro da sua história e observa como a linguagem é produzida nas situações reais de uso. Para isso, não olha a língua de forma isolada, mas em relação ao contexto social, histórico e ideológico em que os sentidos são construídos. O discurso passa a ser visto como algo ligado às relações sociais e às disputas de sentido. Assim, o significado não é fixo, mas depende do tempo, do espaço e das condições em que as pessoas falam.

Diferentemente da análise de conteúdo, a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? [...] Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque vê o texto como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, com tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade. (Orlandi, 2005, pp. 17-18)

Orlandi (2005) ainda afirma que na análise de discurso, a linguagem não é entendida apenas como um meio de transmitir informações de forma linear entre quem fala e quem escuta. Não há uma separação rígida entre emissor e receptor, nem um processo em que um apenas envia a mensagem e o outro a decodifica. Os sujeitos participam juntos da construção dos sentidos, ao mesmo tempo em que falam e interpretam. Sendo assim, não é a mensagem em si, mas o discurso, marcado pela história, pela língua e pelas relações sociais. A linguagem não serve apenas para comunicar, mas também para produzir sentidos diversos, influenciar posições, construir identidades e interpretar a realidade. Assim, o discurso pode ser compreendido como o resultado dos sentidos produzidos na interação entre os sujeitos.

Charaudeau (2006), entende que informação e comunicação não são processos neutros nem apenas técnicos, mas fenômenos sociais. Para ele, a informação não existe por si só, pois depende sempre de alguém que a produz em uma situação específica, por meio da linguagem. Assim, informar envolve escolhas e intenções, e não apenas a transmissão de um conteúdo de quem sabe para quem não sabe. Ele também afirma que as mídias não reproduzem a realidade tal como ela acontece, mas constroem uma determinada visão do espaço público. Ao funcionarem segundo lógicas econômicas e simbólicas, os meios de comunicação selecionam, organizam e apresentam os acontecimentos de forma particular, o que pode resultar em simplificações, estereótipos e distorções da realidade social.

De um ponto de vista empírico, pode-se dizer que as mídias de informação funcionam segundo uma dupla lógica: uma lógica econômica que faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo (os meios tecnológicos acionados para fabricá-lo fazendo parte dessa lógica); e uma lógica simbólica que faz com que todo organismo de informação tenha por vocação participar da construção da opinião pública. (Charaudeau, 2006, p. 21)

Charaudeau (2006) também fala sobre a relação entre quem produz e quem recebe a informação. O autor diz que não há garantia de que o sentido pretendido pelo produtor da informação será o mesmo construído por quem recebe. Por isso, ele diferencia o efeito que se deseja causar do efeito que realmente acontece, afirmando que o público interpreta as informações a partir de suas próprias experiências, conhecimentos e condições sociais.

Comunicar, informar, tudo é escolha. Não somente escolha de conteúdos a transmitir, não somente escolha das formas adequadas para estar de acordo com as normas do bem falar e ter clareza, mas escolha de efeitos de sentido para influenciar o outro, isto é, no fim das contas, escolha de estratégias discursivas. (Charaudeau, 2006, p. 39)

Como este estudo se concentra em analisar um dos trechos do documentário Onde a Moeda Cai em Pé: a história do São Paulo Futebol Clube que apresenta o episódio de 1943 na história do São Paulo Futebol Clube, especificamente entre o minuto 0 até 11:44, esta pesquisa pode ser classificada como qualitativa, visto que busca verificar a relação entre o conteúdo histórico e os recursos emocionais mobilizados pelo documentário para recontar o episódio, auxiliando na construção identitária do clube paulista. De acordo com Pope e Mays (2001):

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Pope; Mays, 2005, p. 13).

Quanto à natureza, esta pesquisa se classifica como aplicada, visto que não busca somente analisar a construção identitária do clube no documentário, mas também contribuir para práticas concretas no campo do jornalismo esportivo e do audiovisual. Segundo Michel Thiollent (2011):

A pesquisa aplicada concentra-se em torno dos problemas presentes nas atividades das instituições, organizações, grupos ou atores sociais. Está empenhada na elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. Respondem a uma demanda formulada por “clientes, atores sociais ou instituições”. (Thiollent, 2011, p. 36)

Quanto aos objetivos, esta pesquisa pode ser classificada como descritiva, pois ela busca analisar e descrever como a narrativa audiovisual reconstrói um episódio histórico marcante e o insere na construção simbólica da identidade do São Paulo Futebol Clube, concentrando-se em observar os recursos audiovisuais utilizados na representação do episódio de 1943. Segundo Silva e Menezes (2001):

A pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática. Assume, em geral, a forma de levantamento. (Silva; Menezes, 2001, p. 21)

Quanto ao procedimento, esta pesquisa se classifica como documental, pois seu objeto de estudo é o documentário Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube, disponível no YouTube, que se encaixa como documento digital. Segundo Creswell (2007):

[...] aquela em que o investigador sempre faz alegações de conhecimento com base principalmente ou em perspectivas construtivistas (ou seja, significados múltiplos das experiências individuais, significados social e historicamente construídos, com o objetivo de desenvolver uma teoria ou um padrão) ou em perspectivas reivindicatórias/ participatórias (ou seja, políticas, orientadas para a questão; ou colaborativas, orientadas para a mudança) ou em ambas. Ela também usa estratégias de investigação como narrativas, fenomenologias, etnografias, estudos baseados em teoria ou estudos de teoria embasada na realidade. O pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados. (Creswell, 2007, p. 35)

Ainda conforme Charaudeau (2006), relatar um acontecimento implica construí-lo midiaticamente, uma vez que, no próprio momento em que é relatado, o acontecimento se transforma em notícia, inserida em um espaço temático específico. O acontecimento relatado compreende tanto fatos quanto ditos. Para ele, explicar um fato envolve explicitar suas motivações, as intenções dos atores, as circunstâncias de sua ocorrência, a lógica que o organiza e as possíveis consequências, uma vez que toda narrativa se constrói a partir de uma conceitualização intencional, e não apenas da sucessão dos fatos.

De acordo com o autor, são as respostas, ou mesmo as tentativas de resposta, a essas questões que tornam o mundo inteligível, ainda que seja para reafirmar seu caráter enigmático, e que atribuem sentido, mesmo que de forma ilusória, aos destinos humanos.

Explicar um fato é tentar dizer o que o motivou, quais foram as intenções de seus atores, as circunstâncias que o tornaram possível, segundo qual lógica de encadeamento, enfim, que consequências podem ocorrer. Isso porque toda narrativa se fundamenta não na simples lógica dos fatos, mas na conceitualização intencional construída em torno de diferentes questões: a da origem (“por que as coisas são assim?”), a da finalidade (“para onde vão as coisas?”) e a do lugar do homem no universo (“por que eu sou assim no meio dessas coisas?”). (Charaudeau, 2006, p. 153)

Sendo assim, este trabalho busca analisar os 11 primeiros minutos do documentário Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube e pode ser dividida em 3 tópicos: o relato do acontecimento, a utilização das palavras e a construção argumentativa do episódio de 1943.

4.1 A construção discursiva do episódio de 1943 no documentário

Partindo da ótica de Charaudeau (2006), o efeito de saber ocorre quando a declaração “emana de um locutor que tem uma posição de autoridade pelo saber” (p. 169). Nesse tipo de efeito, a fala não aparece apenas como uma opinião ou lembrança individual, mas como um discurso sustentado por conhecimento especializado, que serve de apoio para explicar o “porquê e o como de um acontecimento”. O autor fala ainda que esse efeito se fortalece quando o próprio relato midiático seleciona e organiza esse tipo de declaração, endossando esse saber dentro da narrativa.

A partir disso, observa-se que o documentário tem em maior parte o efeito de saber. Isso pode ser visto nas falas do historiador, Michael Serra (Figura 13) e dos jornalistas Alberto Helena, Orlando Duarte e Paulo Planet presentes no documentário e comentadas no capítulo 3, que ocupam a posição de locutores pelos conhecimentos históricos e jornalísticos da época.

Essa autoridade discursiva pode ser entendida também ao que aponta Brandão (2004), ao afirmar que “o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente” (p. 31). Conforme aponta Charaudeau (2006), nesse tipo de situação, “o efeito de saber é endossado pela instância midiática que relata a declaração, com maior ou menor distanciamento”, como se observa na fala:

Como começou o São Paulo Futebol Clube? Então, a primeira coisa que eu falo é que não existia o São Paulo da floresta. São Paulo é um só desde 1930. Mesmas cores, mesma camisa, mesmo símbolo. São Paulo Futebol Clube nasceu da dissidência de jogadores e sócios do Clube Atlético Paulistano, que havia abandonado o futebol, e se uniram com o clube, a Associação Atlética das Palmeiras. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)

Figura 13 - Michael Serra explica sobre a história do clube (minuto 02:20)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Ainda sob a perspectiva de Charaudeau (2006), o discurso relatado no texto midiático pode aparecer de diferentes formas, como citar, integrar, narrativizar e evocar o dito de origem. Esses procedimentos ajudam a entender como falas e enunciados do passado passam a circular dentro de um novo relato. No documentário, é possível observar esses diferentes modos de discurso relatados na maneira como os acontecimentos da história do clube são apresentados pelas falas dos entrevistados.

Entre essas diferentes formas, Charaudeau (2006) destaca o de integrar parcialmente o dito de origem ao discurso de quem relata. Nesse caso, o enunciado original não é reproduzido

literalmente, mas reaparece na terceira pessoa, com mudanças nos pronomes e nos tempos verbais, que passam a depender “do momento de enunciação do locutor que relata” (p. 165). No documentário, esse procedimento também aparece nas falas de Alberto Helena, Orlando Duarte e Paulo Planet, que retomam acontecimentos e enunciados do passado do São Paulo Futebol Clube de forma reformulada, inserindo-os em um relato explicativo, sem recorrer à citação direta das falas originais. Esse aspecto pode ser observado, também, na citação utilizada acima.

Outro efeito descrito por Charaudeau (2006) é o efeito de opinião, que ocorre quando a declaração “emana de um locutor que expressa um julgamento ou uma apreciação dos fatos” (p. 169). Nesse caso, a fala não aparece organizada como uma explicação técnica dos fatos, mas como uma avaliação. Esse tipo de declaração pode vir tanto de uma personalidade conhecida quanto de um anônimo, mantendo o caráter de julgamento sobre o que é narrado. Isso também é observado por Brandão (2004) ao afirmar que “a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente” (p. 12). Charaudeau (2006) aponta ainda que, em situações como essa, “a instância midiática parece assumir um papel de desvendamento das opiniões”, ao fazer circular opiniões sobre os acontecimentos.

No documentário, isso pode ser observado nas falas do ator Lima Duarte e da torcedora, e viúva do jogador Leônidas da Silva, Albertina Pereira, que expressam opiniões, avaliações e julgamentos sobre o jogador. Isso pode ser percebido nas falas: “ele foi um gênio do futebol” (Figura 14) e “O Leônidas estava longe de ser um bonde, tinha sido um grande jogador” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

Outro procedimento descrito por Charaudeau (2006) na forma do discurso relatado no texto midiático é o de narrativizar o dito de origem, quando ele se integra totalmente ao discurso de quem relata, fazendo com que o locutor de origem “torne-se agente de um ato de dizer” (p. 165). Nesse tipo de construção, o dito é transformado em ação narrada, geralmente por meio de verbos que resumem ou reorganizam o enunciado original. No documentário, esse procedimento pode ser observado na forma como o episódio da moeda é contado, já que o acontecimento é relatado por meio de narrações, sem a apresentação de uma fala original específica. O mesmo ocorre nos trechos que tratam da trajetória de Leônidas, citados anteriormente, em que sua história é contada por outros locutores, e não por falas do próprio jogador.

Figura 14 - Albertina Pereira viúva de Leônidas (minuto 09:56)

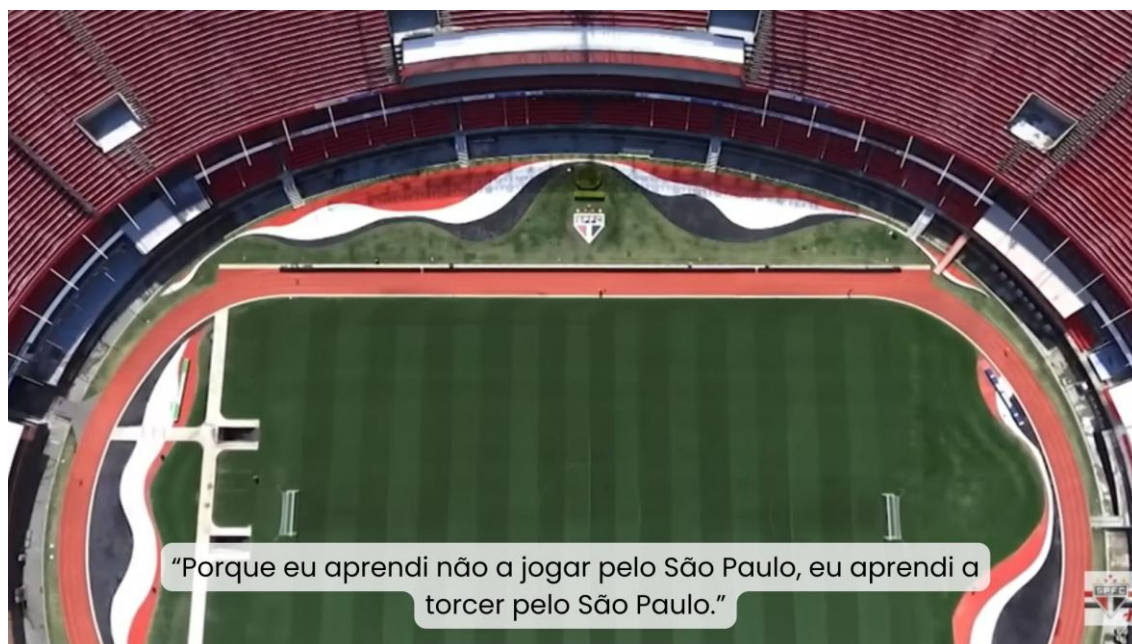


Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Charaudeau (2006, p. 169) ainda descreve o efeito de testemunho como aquele que se produz quando a declaração “emana de um locutor que se contenta em descrever o que viu ou ouviu a respeito de um certo fato”. Para o autor, trata-se de uma palavra testemunhal, frequentemente associada ao *homo quotidianus*, que confere ao relato um “caráter de veracidade por ter como única finalidade descrever a realidade tal como foi vista e ouvida”. Nesse tipo de efeito, o valor da fala está diretamente ligado à experiência direta de quem fala com o acontecimento falado. A partir dessa definição, esse efeito pode ser associado aos depoimentos em primeira pessoa de Rogério Ceni no documentário, nos quais o ex-jogador descreve experiências vividas no estádio, jogos e competições, baseando-se no que foi sentido, ouvido e presenciado. Isso pode ser visto em:

Para a gente que viveu, para mim e para tantos outros que viveram essa história de uma maneira, de uma parceria tão grande, porque eu aprendi não a jogar pelo São Paulo, eu aprendi a torcer pelo São Paulo. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) (Figura 15)

Figura 15 - Rogério Ceni descreve sua experiência no clube (minuto 00:53)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Por fim, também se identifica no documentário o procedimento de evocar o dito de origem, definido por Charaudeau (2006) como uma forma de referência, em que o enunciado aparece apenas como uma lembrança do que “o locutor de origem disse ou costuma dizer” (p. 166). Esse tipo de evocação se manifesta por meio da repetição de expressões que já circulam socialmente. No documentário, a retomada recorrente da expressão “a moeda caiu em pé” funciona como uma evocação de um dizer historicamente associado ao episódio de 1943, sem que o enunciado original seja reconstruído ou que um locutor específico seja identificado.

4.2 A escolha lexical na construção da narrativa de 1943

O documentário começa com o uso de verbos como escutar, lembrar e viver (Figura 16), que aparecem logo nas primeiras falas. Esses verbos estão ligados à experiência do jogador Rogério Ceni diante do estádio e a torcida, dando início ao documentário. As palavras aparecem associadas a falas de caráter pessoal, que fazem referência direta a sua vivência no espaço do clube:

Quando você entra no estádio vazio, no Morumbi vazio hoje, para mim a noite ainda, você consegue escutar a voz do torcedor cantando numa noite de Libertadores. Então assim, se você ficar em silêncio no Morumbi, mesmo aos 40 e tantos anos, você ainda vai lembrar dos grandes jogos que você fez, porque o barulho do torcedor está sempre presente, mesmo com as arquibancadas vazias. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)

Figura 16 - Rogério Ceni diante do Morumbi (minuto 00:35)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Para Charaudeau (2006), a informação é entendida como pura enunciação, sendo responsável pela construção do saber. Esse saber depende ao mesmo tempo do campo de conhecimentos em que se insere, da situação de enunciação e do dispositivo em que é produzido. A partir disso, no início do documentário, o termo vazio é usado para se referir ao estádio, tanto na expressão Morumbi vazio quanto às arquibancadas vazias (figura 17). As duas aparecem no mesmo trecho e servem para caracterizar o espaço físico descrito por Ceni. A palavra é utilizada sempre da mesma forma, sem substituição por outros termos ao longo da fala.

Figura 17 - Rogério Ceni fala sobre a torcida no Morumbi (minuto 00:42)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Conforme Charaudeau (2006), “palavras usadas em situações recorrentes pelos mesmos tipos de locutores acabam por tornar-se portadoras de determinados valores” (p. 48). A partir disso, no documentário surgem as expressões “o barulho do torcedor está sempre presente” (figura 17) e “ele se faz presente comigo” (Figura 18). Nessas duas frases, a palavra presente é repetida e aparece vinculada ao mesmo contexto. Elas estão próximas uma da outra no discurso e se relacionam diretamente com as falas sobre o estádio e a torcida.

Figura 18 - Rogério Ceni traz seu ponto de vista ao pisar no estádio (minuto 00:57)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Além disso, o verbo viver aparece cinco vezes ao longo do trecho, em formas como viveu e viveram, em construções semelhantes, como “para a gente que viveu” e “tantos outros que viveram essa história” (Figura 19), ambas falas de Rogério Ceni. Elas aparecem acompanhadas de termos coletivos, como “a gente” e “tantos outros”, mantendo o padrão ao longo do texto. “Ô Tricolor, tu és a paixão! Ô Tricolor, tu és a alegria! Ô Tricolor, tu és meu viver!” (Figura 20). (Boechat; Plihal; Jorge, 2018)

O fato relatado é objeto de uma descrição, de uma explicação e de reações. Descrever um fato depende, por um lado, de seu “potencial diegético”, por outro, da encenação discursiva operada pelo sujeito que relata o acontecimento e, ao mesmo tempo, constrói uma “diegese narrativa”. (Charaudeau, 2006, p. 152)

Figura 19 - Ponto de vista de jogadores do São Paulo Futebol Clube (minuto 00:46)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Figura 20 - Canto da torcida (minuto 01:04)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

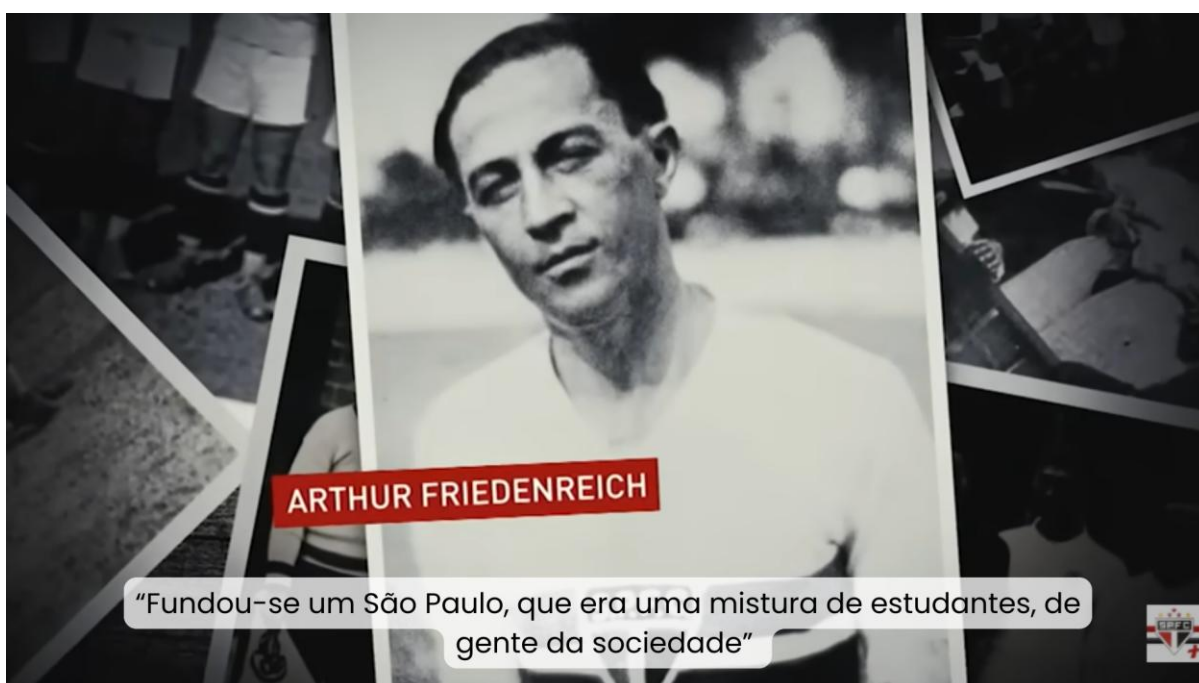
No relato histórico apresentado pelo historiador Michael Serra, Orlando Duarte e Alberto Helena aparecem verbos como nasceu, fundou-se e ressurgiu (Figuras 21 e 22), usados em momentos diferentes do documentário. Esses verbos surgem associados à origem e à reorganização do clube.

Figura 21 - A fundação do São Paulo Futebol Clube (minuto 02:25)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Figura 22 - As figuras presentes na fundação do Clube (minuto 03:12)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Conforme aponta Charaudeau (2006), “palavras usadas em situações recorrentes pelos mesmos tipos de locutores acabam por tornar-se portadoras de determinados valores” (p. 48). A partir disso, a análise não se concentra no fato de o nome do clube aparecer algumas vezes

ao longo do documentário, mas sim na forma como esse nome é associado diretamente ao nome da cidade e a um termo que marcou sua identidade.

No trecho em que Orlando Duarte afirma que “a sorte de São Paulo também é que o nome ajudou o São Paulo” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), o documentário aproxima o nome do clube ao da cidade. Essa relação é retomada logo em seguida na sequência “São Paulo da Garoa, São Paulo Futebol Clube, São Paulo” (Figura 23), em que o mesmo termo é repetido em diferentes usos. Nesse caso, o nome do clube aparece ligado tanto ao nome da cidade quanto à expressão “São Paulo da Garoa”, associada historicamente à cidade.

Figura 23 - Orlando Duarte conta sobre o nome do Clube (minuto 04:03)

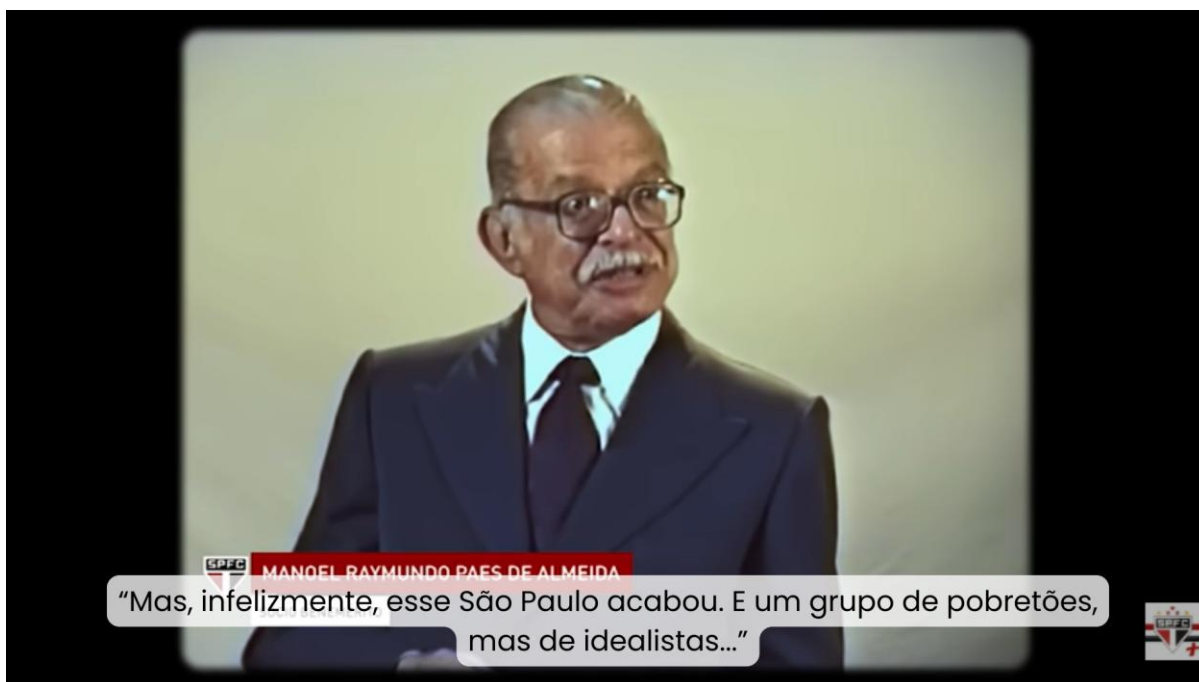


Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

O verbo acabou aparece ao tratar do fechamento do São Paulo e é seguido pela retomada do relato com o verbo ressurgiu, dito por Manoel Raymundo Paes de Almeida, que pode ser visto no trecho:

Mas, infelizmente, esse São Paulo acabou. E um grupo de pobretões, mas de idealistas, chefiados por Monsenhor Dr. Francisco Bastos, figura de destaque no clero, Tenente Porfírio da Paz, Dr. Frederico Antônio Germano Mense, Jaime Rosso, Gumercin do Nascimento de Luca, Francisco Pereira Carneiro, todos homens pobres, mas idealistas, e queriam ressurgir o São Paulo de novo. (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) (Figura 24)

Figura 24 - Os responsáveis pela reinauguração do São Paulo Futebol Clube (minuto 05:13)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

No trecho em que o documentário aborda o surgimento da expressão Clube da Fé, a palavra *fê* aparece de forma repetida e concentrada no discurso. Ela é utilizada para explicar a mobilização da torcida, como dita por Planet em: “era a *fê* que movia a sua torcida a comparecer, a torcer, a incentivar” (Figura 25) (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), e volta a ser retomada ao mencionar o artigo de Tomás Mazzoni, em 1937, responsável por batizar o clube com esse nome. A repetição do termo está associada às dificuldades enfrentadas pelo clube e aos esforços de torcedores e sócios para mantê-lo ativo, como se observa na afirmação de Serra de que “só a *fê* movia as pessoas daquele jeito” e na ideia de que “a *fê* que tudo um dia ia dar certo” (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

Associado a isso, Charaudeau (2006) afirma que “a estruturação do saber depende da maneira como se orienta o olhar do homem: voltado para o mundo, o olhar tende a descrever esse mundo em categorias de conhecimento; mas, voltado para si mesmo, o olhar tende a construir categorias de crença” (p. 43). No documentário, a explicação do período não se baseia em dados técnicos ou resultados esportivos, mas na crença dos torcedores e dos sócios de que o clube poderia continuar existindo.

Figura 25 - O surgimento do Clube da fé (minuto 06:02)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Conforme aponta Charaudeau (2006), todo sujeito que se propõe a relatar um acontecimento se vê diante da relação entre realismo e ficção, uma vez que o relato envolve escolhas discursivas que organizam a forma como o fato é apresentado. A partir disso, quando o documentário passa a tratar do episódio de 1943, a partir do minuto 10:48, a palavra moeda aparece três vezes, sempre associada à possibilidade de o São Paulo conquistar o título. Nesse momento, Planet afirma que “os adversários do São Paulo diziam que ele seria campeão quando a moeda caísse de pé” (Figura 26) (Boechat; Plihal; Jorge, 2018).

Figura 26 - Planet explica sobre a incredulidade dos adversários durante o campeonato (minuto 10:48)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Essa formulação é detalhada na fala do historiador Michael Serra, quando afirma: “Se der cara é o Corinthians, se der coroa é o Palmeiras. E o representante do São Paulo, inconformado: ‘E o São Paulo, para ser campeão tem que ser o que?’ Aí teriam respondido, ‘só se a moeda caísse em pé’” (Figura 27) (Boechat; Plihal; Jorge, 2018). O episódio é apresentado, assim, por meio da expressão em forma de condição “só se a moeda caísse em pé”, onde o verbo cair aparece na forma condicional caísse.

Figura 27 - Michael Serra explica a história do mito da moeda (minuto 11:04)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Na sequência, o mesmo verbo aparece novamente na forma afirmativa na fala de Duarte, como em “ela caiu em pé” (Figura 28) (Boechat; Plihal; Jorge, 2018), utilizando a mesma ação e o mesmo objeto. Ao todo, o verbo cair aparece três vezes, sem variação lexical, havendo apenas uma variação de tempo e modo verbal, sempre ligado ao episódio narrado. A expressão “em pé” também aparece três vezes ao longo do trecho, sempre associada à palavra moeda. A locução “de pé” aparece uma vez. Não surgem outras formas de nomear o acontecimento, e a narrativa mantém a combinação de palavras em todas as menções ao episódio.

Figura 28 - Arte quando a moeda caiu em pé (minuto 11:15)



Fonte: Boechat; Plihal; Jorge, 2018

Nesse sentido, conforme aponta Orlandi (2005), os significados não estão predeterminados pelas propriedades da língua, mas dependem das relações constituídas nas e pelas formações discursivas. A autora ainda afirma que essas formações não devem ser entendidas como blocos homogêneos que funcionam automaticamente, pois são atravessadas pela contradição, constituem-se de maneira heterogênea e apresentam fronteiras fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações.

Logo depois, a fala de Paulo Planet funciona como um recurso de fechamento simbólico do episódio, ao transformar o gesto de Leônidas em um marco memorável da conquista do título (Boechat; Plihal; Jorge, 2018). Ao afirmar que se trata de um acontecimento nunca esquecido, o discurso reforça a permanência desse episódio na memória coletiva do clube, contribuindo para sua fixação como elemento identitário reiterado ao longo da narrativa.

Isso pode ser relacionado ao que Charaudeau (2006) aponta ao afirmar que “escolher anunciar uma notícia incerta em vez de nada dizer [...] é fazê-la existir e registrar como tal” (p. 271). Ao retomar o episódio da moeda no relato e descrever como algo nunca esquecido, o documentário mantém esse acontecimento em circulação, fazendo com que ele continue presente na narrativa histórica do clube.

4.3 A construção argumentativa do episódio da “moeda que caiu em pé”

No momento que o documentário passa a tratar do episódio da moeda, o relato se organiza por meio de uma sequência de enunciados que apresentam um problema a ser desenvolvido discursivamente. A fala tem início com a apresentação do time conhecido como rolo compressor e com a afirmação de que essa equipe começou a dar ao São Paulo uma superforça. Em seguida, aparece o relato atribuído aos adversários, segundo a qual o São Paulo “seria campeão quando a moeda caísse de pé” (Figura 26). Essa formulação introduz uma condição, que coloca em dúvida a possibilidade do título, funcionando como um ponto de partida para a argumentação.

De acordo com Charaudeau (2006), na mecânica argumentativa, o primeiro movimento consiste em problematizar o propósito. No trecho analisado, entre 10:48 e 11:10, essa problematização aparece quando a possibilidade de o São Paulo ser campeão é colocada sob condição extrema, expressa pela frase “só se a moeda caísse em pé” (Figura 27).

É preciso que, ao mesmo tempo que surge a interrogação (de maneira explícita ou implícita), o sujeito que tomou a iniciativa proponha a seu interlocutor uma maneira de tratá-la, seja a favor ou contra tal proposição, ou examinando os prós e os contras de cada uma das proposições. Espera-se, assim, do sujeito enunciator do propósito, que ele produza argumentos em apoio às proposições. (Charaudeau, 2006, p. 177)

Após a problematização, o discurso avança para um movimento de elucidação, conforme definido por Charaudeau (2006), entendido como o esforço de explicar como um fato pôde acontecer. No documentário, esse movimento manifesta-se quando o enunciado condicional, através do verbo caísse, é retomado na forma afirmativa: “Ela caiu em pé, deu São Paulo” (Figura 28). O relato passa a explicar o desfecho do acontecimento por meio da descrição da ação de Leônidas, que “pegou uma moeda e conseguiu colocá-la em pé” no momento da conquista do título.

Uma vez feita a problematização, passa-se a tentar fornecer as razões pelas quais um fato pôde produzir-se e o que ele significa. Como o comentário pressupõe a veracidade do fato, é preciso então explicar o porquê e o como, abordando-o de um ponto de vista global e distanciado. Elucidar será, então, esclarecer o que não se vê, o que está oculto, o que é latente, e que constitui as razões mais ou menos profundas do surgimento do fato. (Charaudeau, p. 178)

Esse movimento também pode ser associado ao que o autor chama de exposição das causas externas, já que o documentário reconstitui uma sequência de acontecimentos: a dúvida inicial, a condição imposta pelos adversários, a conquista do título e o gesto simbólico com a

moeda. A narrativa segue uma lógica de fatos simples, apresentando os fatos em sucessão, de modo a tornar compreensível como o episódio passou a ser lembrado

[...] reconstituir uma sequência de fatos, seguindo relações de causa a consequência entre eles, num procedimento dedutivo⁵ que pressupõe conhecida a origem, o ponto de partida, e orienta a explicação segundo uma direção única sem deixar lugar para outros possíveis encadeamentos. Trata-se aqui de uma reconstituição do que se poderia chamar de causalidade evenemencial. (Charaudeau, p. 179)

Por fim, a frase “isso foi um acontecimento que obviamente nunca foi esquecido” introduz uma avaliação direta do episódio, mostrando sua importância na história do clube. Segundo Charaudeau (2006), não há comentário sem que o sujeito informador expresse um ponto de vista, seja por meio de uma opinião ou de uma apreciação subjetiva. Ligado a isso, Brandão (2004) ainda afirma que “os discursos que utilizam formas impessoais [...] mostram uma enunciação que mascara sempre um sujeito” (p. 48), indicando que mesmo enunciados que se apresentam como constatações gerais carregam uma marca subjetiva.

Não há comentário sem que o sujeito informador expresse um ponto de vista pessoal, e isso apesar de suas próprias denegações. O sujeito o faz, conscientemente ou não, expondo sua própria opinião (tomada de posição no debate de ideias), ou formulando uma apreciação subjetiva (projeção de sua afetividade). (Charaudeau, p. 180)

5 A MOEDA SEGUE EM PÉ: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de discorrer sobre os 11 primeiros minutos do documentário Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube (Boechat; Plihal; Jorge, 2018) e fazer uma análise de discurso, baseada principalmente em Charaudeau (2006) e Orlandi (2005), sobre como a produção audiovisual aborda o episódio de 1943, foi esclarecido que o documentário utiliza de estratégias discursivas ao invés de apenas apresentar fatos.

A partir da pergunta que baseou esta pesquisa: “Como o documentário Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube, através da análise de discurso, reconstrói um episódio marcante na construção simbólica do clube?”, o trabalho passou por conceitos e metodologias que possibilitaram cumprir o seguinte objetivo: analisar as palavras utilizadas e construções lexicais ao longo do tempo de análise estabelecido, como objetivo principal.

Um dos principais elementos visto no trecho foi o uso de fontes especialistas (jornalistas e o historiador), trazendo autoridade às informações contadas, que como citado anteriormente, entra no efeito de saber defendido por Charaudeau (2006). Ao mesmo tempo, o documentário também utilizou de falas testemunhais, opinativas e mais pessoais, trazendo uma identificação emocional ao clube. Associado a isto, o documentário utiliza algumas palavras, citadas na análise (fé, moeda), que contribui para esse lado emocional, transformando-as em um elemento de memória aos torcedores. Além disso, ao contar sobre o mito da moeda em pé, o documentário utilizou a mecânica argumentativa defendida por Charaudeau (2006), que vai da problematização a explicação e, por fim, a avaliação do acontecimento.

Nesse sentido, a construção da imagem do São Paulo Futebol Clube a partir do documentário se dá por uma junção entre falas de especialistas e depoimentos mais emotivos. Os personagens que contam a história do clube não aparecem apenas como vozes neutras da memória, mas, em muitos momentos, mostram envolvimento afetivo com a trajetória do clube. Da mesma forma, os jogadores e torcedores que participam da narrativa reforçam uma imagem do clube associada a pertencimento, reconstrução do clube, superação e fé.

A análise também mostra como o audiovisual tem um papel importante na forma como a memória é construída dentro do jornalismo esportivo. O documentário ajuda a construir uma versão específica da história, ao escolher quais acontecimentos destacar, quem vai falar e de que forma a narrativa é contada.

Entre os desafios da pesquisa, encontra-se a definição de um recorte que fosse ao mesmo tempo possível de ser analisado da forma como o documentário constrói seus sentidos. Escolher trabalhar com apenas os 11 primeiros minutos da obra exigiu cuidado para não ampliar as

interpretações para além do material efetivamente analisado. Além disso, o uso das categorias da Análise de Discurso, majoritariamente defendida por Charaudeau, ao formato audiovisual do documentário também se mostrou um grande desafio, já que foi necessário adaptar conceitos voltados principalmente para a linguagem verbal a um material que se utiliza de falas, imagens e sons. Esse processo exigiu atenção metodológica para que a análise não se tornasse apenas descritiva, mas mantivesse o foco nos efeitos de sentido produzidos pela narrativa.

O tempo delimitado para a análise, apesar de se encaixar nos objetivos anteriormente citados e propostos, não permite tirar conclusões sobre a obra como um todo, nem sobre outras histórias importantes ao clube. Além disso, o estudo se concentrou na análise discursiva, sem considerar conteúdo, como edição, imagens, elementos utilizados e roteiro que focam na materialidade linguística e interpretação do conteúdo em si.

Como perspectiva futura, destaca-se a importância de compreender como outros elementos (imagens, documentos, elementos visuais e entrevistados), também influenciam na maneira em que o documentário conta e aborda essa história. Também é válido uma análise de outro recorte do documentário em que conte outra narrativa simbólica ao clube, como por exemplo a *Libertadores* de 2005, que foi importante para a história do clube.

Por fim acredita-se que as contribuições teóricas e analíticas deste trabalho podem colaborar para o aprofundamento dos debates no campo do jornalismo esportivo e dos estudos sobre audiovisual. Mesmo diante dos limites impostos pelo recorte da pesquisa e pelas escolhas metodológicas, o percurso desenvolvido ao longo do trabalho possibilitou ampliar a compreensão sobre como narrativas históricas são construídas discursivamente e como participam da formação de identidades simbólicas no futebol.

REFERÊNCIAS

- ATIQUE, Fernando; SOUSA, Diógenes; GESSI, Hennan. Uma relação concreta: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 91–109, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/102933>. Acesso em: 15 nov. 2025. <https://doi.org/10.1590/1982-02672015v23n0104>
- BOECHAT, Alexandre; PLIHAL, André; JORGE, Pedro (Dirs.). **Onde a moeda cai em pé: a história do São Paulo Futebol Clube**. [S. l.: s. n.], 8 nov. 2018. 1 vídeo (100 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NWgCA3LmQI8>. Acesso em: 18 out. 2025.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2a. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. ISBN 978-85-268-0991-8.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006. ISBN: 978-85-724-4323-4.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2011. ISBN: 978-85-724-4213-8.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007. ISBN: 978-85-363-2300-8.
- GURGEL, Anderson. DESAFIOS DO JORNALISMO NA ERA DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32-33, p. 193–210, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p193>. Acesso em: 19 nov. 2025. <http://doi.org/10.5007/2175-8042.2009n32-33p193>
- LEÔNIDAS da Silva morre aos 90 anos. **UOL Esporte**. [S. l.], 24 jan. 2004. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2004/01/24/ult59u79510.jhtm>. Acesso em: 6 jan. 2026.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010. (Coleção Ensino & Memória, v. 1). ISBN: 978-85-63443-01-4. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/outros/programa-academia-futebol/livros/historias_do_futebol.pdf. Acesso em: 18 out. 2025.
- MAZZONI, Tommaso Thomaz. **História do futebol no Brasil (1894-1950)**. Rio de Janeiro: Pébola Casa Editorial, 2024. E-book. ISBN: 978-65-857-6409-4.
- MOLINA, Murilo. Lista de todos os campeões paulistas. **Olympics**. Notícias. [S. l.: s. n.], 27 mar. 2025. Disponível em: <https://www.olympics.com/pt/noticias/paulista-lista-todos-campeoes>. Acesso em: 19 out. 2025.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2010. ISBN: 978-85-449-0144-1.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005. ISBN: 978-85-711-3131-6.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2005. 118 p. ISBN: 978-85-363-0455-7.

SERRA, Michael. Campeão Paulista de 1943. **São Paulo FC**. História. São Paulo: [s. n.], 3 out. 2025. Disponível em: https://www.saopaulofc.net/2025-10-03_campeao-paulista-de-1943/. Acesso em: 19 out. 2025.

SERRA, Michael. **Onde a moeda cai em pé**: 1930–1943. v. 1, 2a. ed. rev. São Paulo: São Paulo Futebol Clube, 2021. Disponível em: https://www.spfcpedia.com.br/ebooks/site/onde-a-moeda-cai-em-pe_voll_1930-1943.pdf#page=3.06. Acesso em: 18 out. 2025.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Manual de orientação. Florianópolis, 2001.

SILVEIRA, Nathália Ely da. **Jornalismo esportivo**: conceitos e práticas. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/22683/000740013.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2025.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994. (Novas buscas em comunicação, v. 45). ISBN: 85-323-0461-3

STORTI, Valmir; FONTENELLE, André. **A história do Campeonato Paulista**: 1902-1996. São Paulo: Publifolha, 1997. ISBN: 978-85-859-4021-8.

STREAPCO, João Paulo França. “Cego é aquele que só vê a bola.” **O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas**: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1864-1942). 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-28092012-183257/publico/2011_JoaoPauloFrancaStreapco_VCorr.pdf. Acesso em: 19 out. 2025. <https://doi.org/10.11606/D.8.2011.tde-28092012-183257>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18a. ed. São Paulo: Cortez. 2011. ISBN: 978-85-249-1716-5.

TOTA, Antônio Pedro. **A locomotiva no ar**: rádio e modernidade em São Paulo (1924–1934). São Paulo: PW Gráficos e Editores, 1990.